

ROSILDO MENDES SANTOS

**A CHARGE NO JORNAL *HOJE EM DIA*:
UM MISTO DE INFORMAÇÃO, HUMOR E CRÍTICA**

**Belo Horizonte
2008**

ROSILDO MENDES SANTOS

**A CHARGE NO JORNAL *HOJE EM DIA*:
UM MISTO DE INFORMAÇÃO, HUMOR E CRÍTICA**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH.
Orientação: professora Ângela Moura

**Belo Horizonte
2008**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1 POLÍTICA E MÍDIA.....	7
1.1 A comunicação midiática como fator central na política.....	7
1.1.1 Poder e responsabilidade da mídia na política.....	9
1.1.2 A visibilidade midiática na construção da imagem política.....	15
2 INFORMAÇÃO ATRAVÉS DO DESENHO CHÁRGICO.....	20
2.1 História em quadrinhos, charges e a caricatura	20
2.1.1 O desenho e o jornalismo pela imagem.....	25
2.1.2 A relação entre linguagem verbal e iconográfica	29
2.1.3 O desenho no jornalismo opinativo.....	32
2.1.4 O poder do discurso, da polifonia e do intertexto na construção da informação	35
3 CHARGE: OBJETO DE ESTUDO.....	39
3.1 Metodologia de pesquisa.....	40
3.1.1 As charges e suas características	42
3.1.2A relação da charge com os acontecimentos políticos.....	45
3.1.3 A crítica feita através da charge.....	48
CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

INTRODUÇÃO

Quando me é entregue, pela manhã, o jornal *Hoje em Dia* e começo a ler cada texto impresso em suas páginas, percebo que algumas dessas matérias irão informar, criticar, opinar e entreter. Nesse universo jornalístico, o que mais me chama a atenção são as charges veiculadas na página 2, do caderno de Opinião, do jornal em questão. O humor contido nos traços é de grande sutileza e carregado de ironia. A charge é muito mais que um quadro, em que vários traços preenchem os espaços vazios. Nela, o leitor pode conseguir informações de forma condensada e de fácil leitura.

Em cada charge publicada, o chargista mostra porque o desenho chárstico é o diferencial entre os outros gêneros opinativos, pois nele o criador pode fazer sua crítica e ao mesmo tempo arrancar um riso do leitor. Se nela encontramos a expressão de uma opinião sobre algum fato, esse acontecimento deve ser muito importante, pois certamente irá estar em outros jornais.

Como trabalho nesse veículo de comunicação há 19 anos, na área de faturamento, sempre acompanhei a produção do jornal em sua redação. Aquela correria, muito barulho e o chefe de redação gritando: “o dead line estourou”! Situação que me deixava assustado. Mas, na editoria de arte, a harmonia ali existente me chamava a atenção. Comecei a observar aquele setor e uma coisa me intrigava, pois, no cantinho, tinha um funcionário que só ficava desenhando todos os dias. Lá, ele brincava com o pincel e com as tintas guache que estavam sobre a mesa.

Os anos foram passando e eu não entendia o porquê daquele rapaz ganhar só para desenhar. De uma coisa tinha certeza: os desenhos, que eram veiculados, faziam-me rir muito. Após meu ingresso na faculdade, no Curso de Jornalismo, comecei a entender o que realmente aquele moço fazia naquela editoria. Aqueles traços produzidos por ele eram nada mais que

charges e essas tinham a função de criticar, ironizar, fazer rir e opinar sobre alguns acontecimentos no cenário político.

Meu interesse por aquelas charges foi tão grande que resolvi estudar este objeto. A magia do desenho chárstico é saber que a sua criação não é aleatória e que o chargista precisa apropriar-se de textos veiculados nos jornais para dar vida ao seu desenho. A intertextualidade das charges com outros textos pode ser de forma contrária ou um complemento à matéria veiculada. Nessa perspectiva, vimos que os textos e as charges veiculados no próprio jornal se relacionam entre eles, pois o leitor pode fazer a leitura dessas relações de forma diversa, ou seja, construindo o contexto para a interpretação da charge.

Mostraremos as relações das charges com o cenário político, publicadas no jornal *Hoje em Dia*, no período de 03 de agosto a 03 de outubro de 2006. A escolha por esse veículo deve-se ao fato de ser o jornal que leio diariamente e conseqüentemente o acesso ao objeto de estudo foi mais fácil. Portanto, a proposta desta monografia é desenvolver uma relação analítica entre a charge e a política, na reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, retratadas pelo jornal *Hoje em Dia* em seu caderno de “Opinião”, diariamente, a fim de investigar como o chargista Lute, através do desenho, mostra o cenário político brasileiro. Numa conversa informal com Lute, ele disse que a charge é o reflexo de alguma matéria publicada no jornal *Hoje em Dia*. Ele afirma que o desenho sempre faz uma crítica ao sistema e o leitor nem sempre fará a mesma leitura. Isto é, cada um interpreta da sua maneira.

Esta monografia está dividida em três capítulos. O primeiro aborda a relação entre a mídia e a política. De acordo com Rubim (2000), os veículos de comunicação são usados para dar visibilidade e, ao mesmo tempo, fazer denúncias sobre o que acontece no cenário político, social e econômico. Nessa perspectiva, nota-se que não é interessante à política ir contra a mídia e vice-versa.

Já o segundo capítulo contextualiza o leitor sobre o objeto de pesquisa, ou seja, a charge. Notamos que a charge tem sempre em pauta um assunto atual. Nela, pode-se expressar

opinião, ironizar o sistema político, econômico e social e criticar líderes políticos. Assim, a análise de cada desenho será de extrema importância nesse projeto. E, para que o chargista possa tentar alertar a sociedade através dos traços, é preciso que haja denúncias por meio das mídias. Portanto, o texto irá completar a charge e vice-versa. O conceito do nosso objeto e uma contextualização histórica serão encontrados nesse capítulo. Falaremos, também, de Arte Sequencial, ou seja, histórias em quadrinhos, pois muitos elementos usados nas charges vêm daí.

O terceiro e último capítulo traz a análise de cinco charges dentre as escolhidas. Nelas, mostraremos a relação intertextual, o discurso, a polifonia e a ironia que o chargista, através dos traços, apresenta no desenho. A análise entre texto e desenho será feita de forma igual, isto é, na charge publicada a cada edição, será analisada a matéria que deu origem àquele desenho. Esse procedimento será necessário, pois mostrará a forma como o chargista contextualizava o cenário político e, através do desenho, ironizava todo tipo de denúncia contida em cada matéria.

1 POLÍTICA E MÍDIA

O objetivo deste capítulo é mostrar a relação que existe entre a mídia e a política. Para alguns autores, é impossível para a política ir contra os veículos de comunicação e vice-versa. Candidatos usam o meio midiático para expôr idéias e ganhar visibilidade no cenário político. Autores como Rubim (2000), Ribeiro (1986) e Lima (2006) são as principais referências dessa discussão.

1.1 A comunicação midiática como fator central na política

O reconhecimento de que a mídia é essencial na política contemporânea, e que não é possível mudar este fato, é necessário para que se fale em eleições. Rubim (2000) relata que a mídia é, nas sociedades modernas, o principal instrumento de propagação das visões de mundo e dos projetos políticos, ou seja, é o local em que estão expostas as diversas representações das classes sociais.

Hoje, para falar em política, pressupõe-se falar sobre todo o envolvimento dos meios de comunicação nos embates eleitorais. Houve uma mudança enorme no campo da política. Antes, com os sofistas falando de política em praça pública, o que prevalecia era o direito “divino dos reis”. Mas, com a “crise¹” política, a legitimidade de agora vem através da opinião pública, na qual o político tende a representar a população que o elegeu.

Já Lima (2006) diz que o papel central da mídia, para os políticos, ganhou maior notoriedade² com o regime militar, ou seja, foi inicialmente reconhecido pelo Estado militar

¹ Crise política remete à idéia de desvio de dinheiro público, corrupções e falta de compromisso dos candidatos com a população que o elegeu.

² Notoriedade com o regime militar, porque nesse período os veículos de comunicação eram usados por governantes e militares para expôr suas idéias e censurar de forma arbitrária a população. Por esse motivo é que a mídia ganhou maior atenção por parte dos políticos.

durante o regime autoritário³. Ele diz, ainda, que o maior poder dos meios de comunicação está na construção da realidade através da representação que faz dos diferentes aspectos da vida humana. Essa forma de poder não se consegue do dia para a noite, mas a longo prazo.

A comunicação através das mídias é a forma de divulgação de idéias e opiniões políticas. De acordo com Rubim (2000), se os cientistas políticos tendem a diminuir a importância da mídia, os estudiosos da comunicação costumam “exagerá-la”, a ponto de julgar que a política, totalmente dominada pela lógica dos meios, tornou-se mero espetáculo, entre outros.

[...] Ao contrário da subestimação do papel da mídia, facilmente detectada entre os cientistas políticos e sociais, acontece o inverso entre os estudiosos da comunicação. Nesse registro, a superestimação da mídia convive com afirmações de uma política submetida aos ditames da comunicação, quando não com prognósticos sombrios do tipo fim da política ou sua transmutação em transpolítica, como acontece com diversos teóricos da comunicação e da contemporaneidade, inspirados no pós-modernismo, a exemplo de Jean Baudrillard e Michel Maffesoli⁴ (RUBIM, 2000, p. 12).

O autor ressalta que, obviamente, nem todos os cientistas políticos desprezam o campo da comunicação e nem os estudiosos excluem a política. Há busca da “interação melhor entre os campos de saber envolvidos na temática, sem apresentar marcas de origem tão pronunciadas, que implicam o desprezo e o desconhecimento da comunicação ou da política”(RUBIM, 2000, p. 12 e 13).

Hoje, é obrigatório aos membros da sociedade, acima de 16 anos, a participação no processo de eleição dos representantes políticos. Para o autor, a política contemporânea, a priori, tem a participação de toda a população no processo de escolha de um representante. Rubim (2000) afirma que, a exclusão dos submissos, como era nos “primórdios”, isto é, os analfabetos e as mulheres, membros que não podiam participar do processo de escolha de um representante político, deixa de ser possível. Para configurar essa idéia política, Rubim (2000)

³ Sob o regime autoritário de 1964 a 1985, a mídia passou a ser instrumento da elite. Era um acessório nas tarefas de controle da população, exercidas principalmente pela força física, silêncio das vozes que discordavam e exílio de lideranças populares.

⁴ “Jean Baudrillard era sociólogo e filósofo francês. Desenvolveu teorias que remetessem ao estudo dos impactos da comunicação e das mídias na sociedade e na cultura atual. Michel Maffesoli, sociólogo da comunicação, faz um contraponto entre comunicação e informação”, conforme sites: <http://educacao.uol.com.br/biografias> e www.pucrs.br/famecus/pos – acesso em: 22 de abr. 2008.

afirma que, “deve-se retomar, em dimensão sucinta, alguns dos caracteres diferenciais que singularizam a política na modernidade e a distinguem, em radicalidade, da situação anterior” (RUBIM, 2000, p. 47). Há a conquista de uma idéia de cidadania, que deve incluir a totalidade dos eleitores.

[...] A divergência com os momentos políticos anteriores – mesmo com a Grécia clássica, onde se inventou a política- torna-se flagrante: agora, também os subalternos têm direito adquirido à participação política. A mera exclusão dos subalternos, que acontece nas situações antecedentes, deixa de ser possível (RUBIM, 2000, p. 47).

Portanto, no processo eleitoral atual, a idéia de exclusão social deixa de existir. O cidadão, hoje, de forma democrática, delega poder a um representante político que irá representar a população durante um mandato ou mais.

1.1.1 Poder e responsabilidade da mídia na política

Quando se fala em política, várias idéias surgem e, na maioria das vezes, confunde-se apenas com o lado institucional da política – governos, partidos, congresso. Para João Ubaldo Ribeiro (1986), na linguagem comum ou na dos especialistas, política refere-se ao exercício de alguma forma de poder e, naturalmente, às múltiplas conseqüências desse exercício. Para o autor, toda maneira pela qual o poder é exercido se reveste de grande complexidade, às vezes, não aparente à primeira vista. Basta pensar um pouco para ver como qualquer ato de poder é complexo e cheio de implicações. Ele afirma que é este o terreno da política.

Através da eleição, os membros de uma sociedade delegam parcela de “poder” para um representante que, assim, conquista o mandato executivo ou legislativo. Rubim (2000) afirma que o governo que representa a população apresenta-se como legítimo. Para eleger um

representante, há todo um ritual intitulado de eleição. Esse rito eleitoral periódico torna-se central na escolha de um representante e à própria esfera política. Mas o que vem a ser poder?

O poder dos representantes políticos é delegado através do voto. Ribeiro (1986) tenta dar significado à palavra poder. Segundo ele, nada impede que se diga que o poder é um “fluido mágico”, como já se acreditou e ainda se acredita hoje. Para os americanos, “o poder é a capacidade de influenciar o comportamento das pessoas” (RIBEIRO, 1986, p.15). O autor diz, ainda, que isso não definiu o que vem a ser o tal poder, mas ajuda a entender que, se a política tem a ver com o poder e se o poder visa alterar o comportamento das pessoas, é evidente que o ato político possui dois aspectos: o interesse e a decisão.

Se alguém deseja influenciar ou modificar o comportamento das pessoas, esse alguém tem um interesse que deseja ver corporificado pela modificação pretendida, seja ele ditado por conveniências pessoais, de grupo, religiosas, morais etc. O objetivo configurado pelo interesse só pode ser conseguido por uma decisão que efetivamente venha alterar o comportamento das pessoas, seja esta decisão imposta, consensual, de maioria etc (RIBEIRO, 1986, p. 15-16).

Como observa Ribeiro (1986), a política passa a ser entendida como um processo através do qual interesses são transformados em objetivos e os objetivos são conduzidos à formulação e tomada de decisões efetivas; decisões que “vinguem”. Ele afirma, também, que o termo “poder” continua a ter utilidade, mas não é totalmente confiável, pois politicamente falando, o representante está com o poder durante o mandato, poder esse que não é eterno. Em síntese, para o autor, pode-se afirmar que a política tem a ver “com quem manda, por quem manda, como manda”. Ele fala ainda que “mandar é decidir, é conseguir aquiescência, apoio ou até submissão” (RIBEIRO, 1986, p. 16).

Vale lembrar que, segundo Ribeiro (1986), em toda a sociedade, desde que o mundo é mundo, existem estruturas de mando. “Alguém, de alguma forma, manda em outrem, normalmente uma minoria mandando na maioria” (RIBEIRO, 1986, p. 16). Para ele este fato está no centro da política. O autor alega que a política fica, então, vista como o estudo e a prática da canalização de interesses com a finalidade de conseguir decisões.

Na sociedade contemporânea, é impossível deixar o cenário político de lado. Tudo que se faz está ligado num contexto político. Como observa Ribeiro (1986), a política, o jogo de poder, está em toda parte na conduta humana. No casamento, numa pelada de rua, numa reunião de condomínio, as pessoas estão diante de um miniprocessos decisório, ou seja, de um miniprocessos político. Ele diz ainda que qualquer decisão que for tomada nesse contexto precisa ter a idéia de política, isto é, se um garoto resolve ser presidente da pelada, as eleições carecerão de um elemento que ainda precisará acrescentar à noção de política. É que sua realização e seu resultado não interessam à sociedade como um todo. O elemento que falta é, portanto, ligado à natureza pública da política.

O processo de inclusão social na política, para alguns eleitores, acontece no momento em que os membros da sociedade contemporânea vão às urnas votar. Existem, porém, outros fatores na política além do ritual de votar em um candidato. Para Ribeiro (1986), a própria existência e a vida em coletividade são um fator político. De acordo com ele, a política não se ocupa de todos os processos de formulação e tomada de decisões, mas somente daqueles que afetem, de alguma forma, a coletividade. E acrescenta que a maior parte desses processos, como se pode imaginar, é extremamente complicada. Ele afirma que o processo decisório com o qual as pessoas mais se identificam com a política é na eleição, ritual em que será escolhido um representante através do voto. Para o autor, no momento em que o povo vai às urnas votar, está aí, talvez, a parte menos complicada do processo.

Ribeiro (1986) fala que, antes disso, já se escolheram candidatos, já houve disputas dentro dos partidos, já houve propaganda, já se praticaram inúmeros atos com objetivo eleitoral, já entraram em jogo as percepções dos eleitores e assim por diante. De acordo com ele, querendo ou não, todos estão imersos num processo político que penetra as atitudes, a maneira de ser e agir, até mesmo porque a educação, tanto a doméstica quanto a pública, é também uma formação política.

A Política não é, pois, apenas uma coisa que envolve discursos, promessas, eleições e, como se diz freqüentemente, “muita sujeira”. Não é uma coisa distinta de nós. É a condução de nossa própria existência coletiva, com reflexos imediatos sobre nossa existência individual, nossa prosperidade ou pobreza, nossa educação ou falta de educação, nossa felicidade ou infelicidade (RIBEIRO, 1986, p. 27).

No cenário atual, o maior aliado dos políticos é a mídia, ou seja, os veículos de comunicação. É nesse espaço que eles conseguem unir comunicação e política. Segundo Rubim (2000), a relação entre comunicação e política envolve uma perspectiva “pluridisciplinar”. Para ele, a comunicação não tem domínio sobre a política e vice-versa. “Esta postura implica, em seqüência, a não aceitação, sem mais, da dominância permanente de um campo sobre o outro, com base em concepções meramente instrumentais” (RUBIM, 2000, p. 28). Segundo o autor, esta relação será alterada dependendo de momentos e circunstâncias determinadas, na qual se deve analisar as forças presentes nas diferentes conjunturas políticas. Ele afirma ainda que, a comunicação e a política, se andarem em direções opostas, certamente, não irão muito adiante, ou seja, elas devem ser o complemento e não o conflito.

Rubim (2000) observa que a união entre política e comunicação é de origem grega⁵, relacionada à idéia da pólis. Para o autor, a retórica, inventada pelos sofistas, surge como “técnica de convencimento” através do discurso em praça pública. Nesse espaço, os sofistas souberam unir comunicação e política.

Não seria pertinente aqui tentar descrever em detalhes a persistência desse enlace. Apenas cabe anotar o tipo específico de relacionamento que predominou e caracterizou quase sempre a interação: a instrumentalidade. Ou seja, a comunicação sempre foi percebida e utilizada como mero instrumento do campo político” (RUBIM, 2000, p. 19).

Pelo fato de essa sociedade ser “estruturada e ambientada pela mídia”, Rubim (2000) afirma que todas as relações devem ser compreendidas por essa especificidade. Para o autor, a recente escolha da mídia como alvo prioritário de incursões em lutas pelo poder, seja

⁵ Na Grécia, os sofistas, ou seja, pessoas que através do convencimento (que é uma técnica da comunicação) a usavam como mero instrumento no cenário político.

em momentos de escândalos no sistema político, seja em tempo de normalidade e nas eleições, dá alguma “materialidade” à “telerrealidade”.

No mundo glocalizado (*sic*), a telerrealidade – nova dimensão pública de sociabilidade constituída pela comunicação midiaticizada, quaisquer que sejam seus suportes sociotecnológicos torna-se “lugar” essencial de luta política por poderes, conforme reconhece uma gama considerável de autores, inscritos em diversas tradições teóricas (RUBIM, 2000, p. 51).

Sempre buscando a adesão popular e a conquista da confiança dos membros da sociedade contemporânea, cada político adota seu próprio estilo pessoal, tudo pela conquista do voto popular. Outra observação que Ribeiro (1986) faz é que a política já foi chamada de “arte”, pois requer um talento especial de quem pratica, uma sensibilidade especial, um jeito especial, uma vocação muito marcada. Foi chamada de “ciência”, pois é possível sistematizar cientificamente o que se observa e infere a respeito de como os homens se comportam em relação ao poder. Não deixa de ser, também, para Ribeiro, um “departamento de Filosofia”, pois haverá sempre lugar para indagações filosóficas. Contudo, o mais importante é que a política também seja, naturalmente, uma “profissão”.

[...] Nenhum homem pode assumir sua humanidade fora de uma estrutura social, ainda que mínima. E nenhuma estrutura social pode existir sem alguma forma de processo político. Assim, a política terminou por tornar-se uma profissão, a profissão dos que se dedicam a influenciar, de diversas maneiras e em vários níveis, a condução da coletividade em que vivem, seja por iniciativa própria, seja representando outros interesses (RIBEIRO, 1986, p. 17).

O atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva⁶, tornou-se um político popular⁷. Ao compará-lo com Getúlio Vargas⁸, tido como um político de características voltadas para o populismo, pois dispensava seguranças e andava em meio à população, percebe-

⁶ O atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, começou sua trajetória política como líder sindical, no ABC Paulista, em plena ditadura militar. Ele chegou a ser perseguido e até preso nesse período. Lula foi eleito presidente, pela primeira vez, em 2002 e reeleito em 2006.

⁷ A popularidade de Lula foi fruto da visibilidade que os veículos de comunicação davam a ele na época em que como líder sindical, conseguia reunir milhares de trabalhadores em praça pública e ordenar uma paralisação trabalhista. Sua popularidade se dava pelo carisma que o povo tinha pelo sindicalista.

⁸ Vargas foi presidente do Brasil entre os anos de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954. Entre 1937 e 1945 instalou a fase de ditadura, o chamado Estado Novo. Em 1954, Vargas suicidou-se no Palácio do Catete com um tiro no peito.

se que a popularidade de Vargas não foi construída pela mídia, como foi a do presidente Lula e sim pelo carisma que Vargas tinha em relação ao povo. Para Weffort (1980), o populismo como estilo de governo, sempre sensível às pressões populares iniciou-se na década de 30. Para ele, as épocas de crises no cenário político, que sempre acompanham a história brasileira, fizeram com que governantes se tornassem figuras populares para conseguirem a confiança da população. O autor afirma também que o populismo foi um fenômeno político da era Vargas, que assumiu diversas facetas, isto é, o povo caía nas graças do político e depois o político que era aclamado pelo povo, mas, ao mesmo tempo, esses políticos sofriam pressões populares, e estas foram frequentemente contraditórias. De acordo com Ribeiro (1986), qualquer decisão a ser tomada na esfera privada ou pública é também uma formação política. Ele afirma que, para obter um bom trabalho, carro, uma vida melhor e que, na sociedade em que se vive, seja permitido que se junte dinheiro para legitimar os sonhos, tudo isso é através de um processo político. Segundo ele, é num processo político que se define todas as condições para a acumulação do pé-de-meia citado acima.

Na realidade, uma figura popular eleita pelos membros da sociedade contemporânea é a principal forma de expressão e estruturação do poder e mostra a insatisfação das classes menos favorecidas. Conforme Weffort (1980), o populismo tem raízes sociais mais profundas e a recuperação de um movimento social e político é um problema para quem estuda a formação histórica do Brasil. A participação popular no processo eleitoral é essencial para que haja mudança no cenário político. A aquisição e a preservação do poder estarão cada vez mais impregnadas da presença do povo desde que na sociedade contemporânea os membros não sejam apolíticos. Ribeiro (1986) diz que podem sim existir pessoas que não se preocupam com a política ou com políticos. Trata-se de uma escolha pessoal perfeitamente respeitável. Mas, quando se age assim, deve-se ter consciência das implicações, pois se trata de uma atitude de passividade que sempre favorece a quem, em dado momento, está numa situação de mando dentro da coletividade. Ele fala, também, que é comum que se considere a política uma

atividade ou ocupação insuportável, só exercida por gente de mau caráter, venal, mentirosa e enganadora. E ainda chama a atenção dizendo que, quando se está pensando em cuidar da vida apenas, sendo “apolíticos”, na verdade se está com a vista curta, ou então, tornou-se comodista, não achando que as coisas estão tão ruins assim, para procurar fazer algo para mudá-las.

[...] Quando alguém diz, como é freqüente lermos em entrevistas aos jornais, que “está em outra” e que “não liga para a política”, está naturalmente, exercendo um direito que lhe é facultado pelo sistema político em que vive. Ou seja, em última análise, está sendo político conservador, não é apolítico, palavra que indica “ausência de Política”. No máximo, falta-lhe a consciência de seu significado e papel político – significado e papel que todos têm-, uma coisa muito diferente. Pois o apolítico não existe, é somente uma maneira de falar, por assim dizer (RIBEIRO, 1986, p. 23).

Como observa Ribeiro (1986), quando não se gosta do comportamento dos políticos e do funcionamento do sistema e não se faz nada para mudar a situação, os membros da sociedade estão sendo políticos. Ele afirma que aceitar esta condição é contribuir para a perpetuação de uma situação política indesejável ou inaceitável. Para ele, “se acharmos que a Política está entregue a gente ruim, um pouco da culpa, ou grande parte dela, cabe a nós. “Pessoas boas”, que não queremos envolver-nos com essa “atividade suja e incompreensível” (RIBEIRO, 1986, p, 28). Para o autor, é necessário que se faça alguma coisa para melhorar esse quadro, neste caso também estamos sendo políticos, pois a única via de ação possível é a política.

Contudo, deve-se deixar de lado a idéia de que não votar é a melhor solução para mostrar a indignação popular com a classe política. Essa postura de acordo com Ribeiro (1986) é, também, uma decisão política tomada por alguns eleitores.

1.1.2 A visibilidade midiática na construção da imagem política

Segundo Lima (2006), o sucesso de uma campanha eleitoral dependia durante a busca pelo poder político dos pretendentes, na maioria das vezes, do contato direto do candidato

com os eleitores: através de viagens, visitas e comícios a várias cidades do país. Nessas cidades visitadas, sempre havia pessoas para mediar o futuro candidato.

A presença popular é sem dúvida fator primordial no processo eleitoral político brasileiro. Do ponto de vista político, é necessário, também, o contato direto entre eleitores e candidatos como forma de democratização social e política. Contudo, apesar do contato direto é necessário o contato mediado. De acordo com Lima (2006), a intermediação candidato e eleitor era feita através dos partidos políticos e suas coligações partidárias. Ele diz que, na atualidade, o contato direto foi substituído pelo contato mediado pela “mídia eletrônica”. Como observa Lima (2006), a população brasileira, na sua maioria, continua sem o domínio da leitura e escrita, mas, por meio das imagens mostradas na televisão consegue se informar.

Com o advento das mídias impressa, televisiva, radiofônica e a internet, pessoas que estão no poder político procuram cuidar da imagem, ou seja, usam esses meios de comunicação para divulgar interesses populares ou denunciar corrupções políticas junto à sociedade contemporânea. De acordo com Thompson (2005), esse procedimento de preocupação de governantes em administrar o que deve ou não ser divulgado nas mídias é uma arte antiga. Segundo ele, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, houve mudanças com relação às regras práticas desta arte, ou seja, antes do desenvolvimento da imprensa e de outras formas de mídia, os governantes políticos podiam, na maioria das vezes, restringir a própria imagem a grupos relativamente fechados da sociedade. Nos dias atuais, existe a preocupação maior com a apresentação diante de audiências que não estavam fisicamente presentes.

[.....] Os novos meios de comunicação foram usados por eles não somente como um veículo de promulgação de decretos oficiais, mas também como um meio de projetar uma imagem pessoal que poderia alcançar os súditos nos lugares mais distantes (THOMPSON, 2005, p.123).

Na sociedade contemporânea, a instabilidade política e a facilidade de acesso à informação são fatores que preocupam candidatos e partidos. Os veículos de comunicação funcionam como “alto-falantes” na divulgação de denúncias e imagens dos futuros

representantes numa eleição. Como observa Thompson (2005), a imprensa divulga e denuncia toda atividade política, mas também mostra a imagem de governantes políticos. Nem sempre os meios de comunicação divulgam o que eles realmente gostariam. “A imprensa era também um meio pelo qual outros podiam veicular imagens e relatos que divergiam do que os governantes procuravam mostrar” (THOMPSON, 2005, p. 123). Para ele, a imprensa proporcionou um alcance extra não somente para aqueles que procuravam mostrar a imagem de governantes políticos, mas também para aqueles que queriam destruir esta imagem.

De acordo com Thompson (2005), os líderes políticos, na atualidade, não têm outra escolha senão a de se submeter à lei da visibilidade exagerada. E avalia que uma renúncia de governantes à própria imagem, através da mídia, é sinônimo de morte no cenário político. Para ele, na política moderna, é inevitável administrar a visibilidade.

[...] Renunciar à administração da visibilidade através da mídia seria um ato de suicídio político ou uma expressão de má-fé de quem foi tão acostumado à arte da auto-apresentação, ou foi tão bem colocado numa organização que praticou a arte do bom resultado, que pode dispensá-la (THOMPSON, 2005, p. 124).

Políticos usam os veículos de comunicação para divulgar idéias e uma política de reformas. Como observa Lima (2006), não existe, na sociedade atual, política sem o auxílio da mídia. Para ele, como estamos inseridos em um regime democrático, a política torna-se visível e pública através dos meios de comunicação. Segundo o estudioso, só a mídia pode decidir o que é, ou não, público no mundo contemporâneo. O autor ressalta que essa nova situação provoca conseqüências imediatas para os líderes políticos, assim como para a prática da política, ou seja, existe, agora, uma disputa da visibilidade nos meios de comunicação, e esta disputa de espaço midiático deve ser favorável do ponto de vista político.

Nos períodos eleitorais, a divulgação de imagens e denúncias é constante nos veículos de comunicação. Conforme Thompson (2005), a administração da visibilidade nos meios de comunicação é uma atividade perseguida não somente nos períodos intensivos de campanhas eleitorais, mas faz parte também da própria arte de governar. “A condução de um

governo exige um contínuo processo de tomada de decisões sobre o que, a quem e como se pode tornar público” (THOMPSON, 2005, p. 124).

Quando há escândalos no cenário político, administrar a própria imagem se torna praticamente impossível. De acordo com Thompson (2005), o fenômeno da visibilidade serve também como ferramenta que pode funcionar contra os líderes políticos. Ele afirma que as mensagens produzidas pelos governantes podem ser recebidas e entendidas de maneira que não se pode monitorar ou controlar diretamente. Ele diz, ainda, que a visibilidade criada pela mídia pode se tornar uma fonte de um novo tipo de fragilidade. Para o autor, os líderes políticos procuram administrar a sua própria imagem. Os governantes só não conseguem controlar a divulgação da própria imagem em caso de escândalos, pois o “fenômeno da visibilidade pode escapar de suas rédeas e, ocasionalmente, pode funcionar contra eles” (THOMPSON, 2005, p. 126).

As conseqüências são grandes quando os veículos de comunicação divulgam informações de cunho negativo para os futuros candidatos. Conforme Thompson (2005), a incapacidade de controlar a própria imagem completamente é uma fonte permanente de problemas para os líderes políticos. Ele fala que os governantes devem se policiar continuamente, pois um ato indiscreto ou uma observação inconseqüente podem, se forem gravadas e transmitidas a milhões de pessoas, ter desastrosas conseqüências. Vale citar um exemplo para reforçar o que Thompson (2005) afirma. Na campanha de reeleição, no ano de 2006, do então presidente da República, Lula deixa de usar a estrela do partido no horário eleitoral gratuito reservado aos candidatos. Diante da reclamação de petistas da falta do símbolo do PT na campanha feita por Lula, o chargista Lute, do jornal *Hoje em Dia*, no dia 18 de agosto de 2006, na página 2, caderno de Opinião, ironizou o então presidente com um desenho em que o candidato apareceu com a gravata com listras vermelhas dizendo que a gravação do programa seria com aquela roupa para acabar com a choradeira.



Fonte: Jornal *Hoje em Dia*, 18 de agosto de 2006, caderno de Opinião, página 2.

Esse exemplo revela como as charges estão relacionadas ao teor opinativo e irônico do jornalismo. O uso de desenhos como meio de mostrar os fatos e até mesmo criticá-los é uma forma de deixar a página dinâmica e quebrar visualmente a distribuição compacta dos textos dispostos no jornal. No caso da charge, além de provocar o riso e o lado humorístico, ela irá criticar e informar acontecimentos no cenário político.

De acordo com Melo (1985), o desenho, como um gênero opinativo, inserido no jornal diário, possui uma responsabilidade social mais profunda do que a de costume, que é a rotineira opinião nos jornais. Ele afirma que a imagem na imprensa motiva o leitor de tal modo, que se torna um instrumento eficaz de persuasão.

2 INFORMAÇÃO ATRAVÉS DO DESENHO CHÁRGICO

Este capítulo mostra como as histórias em quadrinhos e as charges⁹, se levadas a sério, podem criticar, ironizar e ao mesmo tempo informar o leitor sobre o que se passa em determinados setores públicos da sociedade. O desenho, depois de concluído, torna-se um enunciado preciso que permite pouca ou nenhuma interpretação adicional por parte do leitor.

2.1 História em quadrinhos, charges e a caricatura

A linguagem em quadrinhos, muitas vezes, é feita com imagens sem palavras. Com isso, a comunicação se dá com símbolos reconhecíveis. Eisner (2001) observa que as histórias em quadrinhos comunicam numa linguagem que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público. Ele afirma ainda que a revista em quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem. “É preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais” (EISNER, 2001, p. 8).

Nas histórias seqüenciais, o autor tenta, de todas as formas, deixar o desenho e o texto leves, isto é, o mesmo desenho é feito várias vezes para que a identificação com o personagem seja feita o mais rápido possível. Segundo Eisner (2001), em sua forma mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. “Quando são usados vezes e vezes para expressar idéias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária se quiser” (EISNER, 2001, p. 8). Para o autor, é essa aplicação disciplinada que cria a “gramática” da “Arte Seqüencial¹⁰”.

⁹ “O termo charge vem do francês charger que significa carga, exagero ou, até mesmo ataque violento (carga de cavalaria). Isto significa aqui uma representação pirográfica de caráter, como diz no primeiro parágrafo, burlesco e de caricaturas. É o cartoon, mas que satiriza um certo fato, como idéia, acontecimento, situação ou pessoa, envolvendo principalmente casos de caráter político que seja de conhecimento do público”. Conforme site <http://pt.wikipedia.org/wiki/charge> – acesso 12 jun. 2008

¹⁰ Arte Seqüencial para o autor é “como um veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar a história ou dramatizar uma idéia” (EISNER, 2001, p. 5).

Para dar maior dinâmica às histórias sequenciais, o autor tem um diferencial a mais: a comunicação verbal. Como observa Eisner (2001), na arte sequencial, o texto vem sempre para acrescentar alguns pensamentos que não estão na ilustração, ou seja, ele servirá de apoio à imagem. “As palavras escritas recebem um tratamento diferenciado, elas ficam com formas de artes gráficas” (EISNER, 2001, p. 10). Ele afirma que “o letreiramento, tratado graficamente e a serviço da história, funciona como uma extensão da imagem” (EISNER, 2001, p. 8). Para o autor, nesse contexto, é fornecido um clima emocional, uma ponte narrativa e até mesmo uma sugestão de som, conforme se observa no exemplo abaixo:



Fonte: Jornal Hoje em Dia, dia 31 de março de 2008, caderno Cultura, página 6

Apesar de os textos funcionarem como auxílio à imagem, é preciso ter cuidado, pois mesmo se tratando de histórias em quadrinhos, os textos devem seguir regras gramaticais como coerência e coesão. De acordo com Romualdo (2000), a coerência é o fator fundamental da textualidade, uma vez que é responsável pelo sentido do texto. Ele fala também que além da coerência, deve se ter atenção em relação à coesão, que diz respeito à manifestação lingüística da coerência num texto escrito ou falado.

Nas histórias em quadrinhos, na maioria das vezes, os textos estão cercados por balões. Este artifício usado pelos desenhistas é uma maneira de dar maior ênfase aos acontecimentos realizados nas histórias sequenciais. A importância da utilização dos balões nos textos é mencionada por Eisner (2001) na arte sequencial. “À medida que o uso dos balões foi se ampliando, seu contorno passou a ter uma função maior do que simples cercado para a fala”

(EISNER, 2001, p. 27). Ele afirma que isso aconteceu logo que lhe foi atribuída a tarefa de acrescentar significado e de comunicar a característica do som à narrativa. Já nas charges com mais de um quadrinho, a coerência se dá pela relação de sentido estabelecida entre a leitura dos componentes gráficos do primeiro quadro e dos quadros seqüentes. Romualdo (2000) diz que os textos encontrados nas charges aproximam-se dos códigos verbal e visual, que irão se auxiliar, complementar ou criticar na busca da produção do sentido pretendido pelo chargista. De acordo com ele, a representação do verbal nas charges segue as mesmas formas das histórias em quadrinhos.

[...] Os signos lingüísticos presentes na charge têm por função representar a fala das personagens (quando dentro de balões) e os diversos tipos de ruídos, aparecendo, ainda, nas legendas e em figuras componentes do quadro (ROMUALDO, 2000 p. 28).

Eisner (2001) diz que, dentro do balão, o “letreiramento” reflete a natureza e a emoção da fala. Para ele, isto passou a ser uma das marcas registradas dos quadrinhos, encontradas em suas mais diversas formas, como o balão-pensamento, que mostra o personagem pensando, o balão-berro, que apresenta uma atitude do personagem, o balão-cochilo que mostra som de ronco, o balão-trêmulo que representa o medo. O autor esclarece que estes tipos e formas variavam de acordo com as situações em que se encontram os personagens. Com menor freqüência, encontramos nas charges o uso dos balões. De acordo com Romualdo (2000), o balão pode ser definido como um texto fechado em um volume restrito por uma linha contínua. Ele cita dois tipos de balão que são usados por todos os desenhistas. O primeiro, é o balão-fala que é o mais comum. O segundo é o balão-pensamento. O autor afirma que estes dois tipos de balão são convenções próprias dos quadrinhos.

O balão é um recurso extremo. Ele tenta captar e tornar visível um elemento etéreo: o som. A disposição dos balões que cercam a fala – a sua posição em relação ao outro, ou em relação à ação, ou a sua posição em relação ao emissor – contribui para a medição do tempo. Eles são disciplinares, na medida em que requerem a cooperação do leitor. Uma exigência fundamental é que sejam lidos numa seqüência determinada para que se saiba quem fala primeiro. Eles se dirigem à nossa compreensão subliminar da duração da fala (EISNER, 2001 p. 26).

O leitor das histórias em quadrinhos, para decifrar um balão, toma por base o conteúdo nele expresso. De acordo com Eisner (2001), é importante lembrar que, para se fazer a leitura dos balões, é necessário que essa leitura seja feita numa seqüência determinada, para que se saiba quem fala primeiro. Como observa Romualdo (2000), se o conteúdo do balão ajuda a interpretar sua forma, não devemos esquecer que há também uma relação inversa: “o balão, enquanto elemento da fala, traz em si dados, informações quanto à qualidade da fala” (ROMUALDO, 2000 p. 30). Para ele, por estarem inseridos nos quadrinhos, além de indicar o diálogo entre os personagens, os balões também participam da imagem. “Como imagem, eles compõem o quadro juntamente com as figuras e, com elas, seguem uma disposição estética, formando um todo” (ROMUALDO, 2000 p. 30).

De acordo com Eisner (2001), a arte seqüencial tenta lidar com os elementos mais amplos do diálogo: “a capacidade decodificadora cognitiva e perceptiva, assim como a visual” (EISNER, 2001, p. 38). Já Romualdo (2000) diz que as histórias em quadrinhos e as charges exprimem outros sons e ruídos que não figuram nos diálogos. “Embora as histórias em quadrinhos fossem falantes desde o início, elas vão buscar na trilha sonora cinematográfica o uso dos sons e ruídos fora dos diálogos”, (ROMUALDO, 2000 p. 32). Conforme Eisner (2001), a função dos quadrinhos é comunicar idéias ou histórias por meio de palavras ou figuras, o que envolve o movimento de certas imagens no espaço dentro do quadro. “O enquadramento de imagens que se movem através do espaço realiza a contenção de pensamentos, idéias, ações, lugar ou locação” (EISNER, 2001, p. 38).

Nas histórias em quadrinhos, o artista para ser bem sucedido nesse nível não-verbal, deve levar em consideração a comunhão da experiência humana e o fenômeno da percepção

que temos dela, que parece consistir em quadrinhos ou episódios. “O artista tem, desde o início, que prender a atenção do leitor e ditar a seqüência que ele seguirá na narrativa” (EISNER, 2001, p. 40). Ele diz que, essencialmente, a criação do quadrinho começa com a seleção dos elementos necessários à narração, a escolha da perspectiva a partir da qual irá permitir que o leitor os veja e a definição da porção de cada símbolo ou elemento a ser incluído. Já Romualdo (2000) diz que uma boa charge deve estimular o riso e, ao mesmo tempo, nela devem conter assuntos de momento. Ele coloca, ainda, que um bom chargista depois de observar com atenção e analisar o fato, constrói um texto crítico, contundente e revelador.

[...] A obra do artista seqüencial deve ser avaliada pela sua compreensibilidade. O artista seqüencial “vê” pelo leitor porque é inerente à arte narrativa exigir do espectador reconhecimento, mais do que análise. A tarefa então é dispor a seqüência dos eventos (ou figuras) de tal modo que as lacunas da ação sejam preenchidas. Conhecida a seqüência, o leitor pode fornecer os eventos intermediários, a partir da sua vivência. O sucesso brota aqui da habilidade do artista (geralmente mais visceral que intelectual) para aferir o que é comum à experiência do leitor (EISNER, 2001, p. 38).

O autor fala também que a habilidade do artista é fundamental para expressar a sua idéia. “Não é de surpreender que o limite da visão periférica do olho humano esteja intimamente relacionado ao quadrinho usado pelo artista para capturar ou congelar um fluxo ininterrupto da ação” (EISNER, 2001, p. 39). Era o que os caricaturistas da Segunda Guerra tentavam fazer, naquela época.

Outro ilustrador que, na década de 30, através dos seus traços deixou marcados todos os acontecimentos da primeira e segunda guerras foi o caricaturista Belmonte (1982, p. III). Ele afirma que a arte da caricatura é talvez uma das mais difíceis de serem realizadas. Explica-se: porque exige muita síntese, em primeiro lugar: “de traços”, por causa do impacto visual que deve provocar; e de “significado”, porque, necessariamente, é claro e inequívoco. Isso porque a informação e a imagem que o desenho deverá passar não poderão ser confundidas com outro fato ou outra pessoa.

Como observa Gazy Andraus (2003), a caricatura¹¹, apesar de trabalhar com desenhos que satirizam rostos, pode estar também como a “caricaturização” de alguma cena ou fato. Por isso, a caricatura se torna sinônimo da charge. Ele diz que os desenhos, ou seja, as charges são criações do homem, aliadas a conhecimentos e pesquisa na elaboração de idéias, transmitidas através de textos ou não, misturados com a criatividade espontânea dos desenhos pessoais. Já Eisner (2001) menciona, na arte em quadrinhos, que o artista deve desenhar com base nas suas observações pessoais e no inventário de gestos comuns e compreensíveis para o leitor. É o que tentam fazer os chargistas, ou seja, através de observações ironizam e criticam o sistema.

Para Andraus (2003), as charges nada mais são do que a “matriz das histórias em quadrinhos”, a configuração da imagem em um único desenho, mas sempre criticando ou satirizando o sistema. Ele afirma, ainda, que a charge é sempre um desenho “exagerado” de caráter crítico, em geral à política, e preso à determinada época ou acontecimento importante.

2.1.1 O desenho e o jornalismo pela imagem

Quando se tem uma informação obtida através de imagens, pressupõe-se que essa mensagem seja rápida e de fácil compreensão, transmitindo múltiplas informações de forma resumida. Beltrão (1960) fala que, embora podendo adotar legendas escritas ou textos falados para melhor compreensão do público, o jornalismo pela imagem tem no desenho, na fotografia ou na apresentação direta dos acontecimentos os seus principais meios de expressão. Ele afirma ainda que, na atualidade, o jornalismo pela imagem manifesta-se através do desenho, da fotografia, do cinema e da televisão.

¹¹ “Caricatura é um desenho de um personagem da vida real, tal como políticos e artistas. Porém, a caricatura enfatiza e exagera as características da pessoa de uma forma humorística, assim como em algumas circunstâncias acentua gestos, vícios e hábitos particulares em cada indivíduo”. Conforme site-<http://pt.wikipedia.org/wiki/caricatura>- acesso em 12 jun. 2008.

Beltrão (1960) observa que o desenho, depois da palavra falada, foi, sem dúvida, a mais antiga expressão jornalística no mundo, pois surge talhado ou pintado nos muros das cavernas pré-históricas.

[...] Se alguns dos documentos arqueológicos apresentam desenhos humorísticos, caricaturas ou artísticas representações da flora, da fauna e dos homens, a maior parte deles, por exemplo, no Egito, tinha um significado político bem perceptível ou eram simplesmente cenas críticas e joviais dos costumes do tempo (BELTRÃO, 1960, p. 42).

A ilustração e a caricatura tinham, segundo Beltrão (1960), a função de degradar e desfigurar as pessoas, tornando-as mais feias do que eram. O autor fala que a invenção da imprensa torna mais amplo o campo do desenho humorístico e crítico como forma de jornalismo.

Quando o desenho chágico faz alguma crítica, o chargista deve ter em mente a importância do acontecimento exposto no desenho, pois existe a possibilidade de a informação contida na imagem aparecer em outros veículos de comunicação. Para Romualdo (2000), se a charge contém a expressão de uma opinião sobre determinado acontecimento, este deve ser um fato importante, com muita probabilidade de aparecer em outros textos do jornal. O autor afirma que isso dá ao leitor a possibilidade de relacioná-los e, até mesmo, usar esses outros textos para ajudar na interpretação da charge. Para ele, nos casos em que as relações intertextuais se dão com textos que não estão no jornal, cabe ao leitor fazer a recuperação desses intertextos, para inteirar-se mais profundamente da informação contida na charge.

Os textos chágicos transmitem informações (informatividade), utilizando o sistema pictórico, ou sincreticamente o pictórico e o verbal. Os chargistas colocam neles suas opiniões, suas críticas a personagens e fatos políticos (intencionalidade) (ROMUALDO, 2000 p. 18).

Beltrão (1960) observa que “os desenhistas chegaram a ser escritores e os seus hábitos de observação os colocam na categoria dos espíritos críticos e sintéticos” (BELTRÃO, 1960, p. 44). De acordo com ele, todos os jornalistas, ou seja, o chargista e o caricaturista, para

que o desenho se tornasse eficaz, exigiam que o desenhista de jornal possuísse rapidíssimo golpe de vista e grande agilidade mental para que o lápis não captasse somente traços pessoais, mas de uma época.

Conforme Beltrão (1960), o desenhista deve procurar sintetizar sempre que possível. Ele observa que um “esforço de síntese deve prescindir ao seu trabalho, tanto ao desenhar como ao redigir o texto, o chiste da sua obra” (BELTRÃO, 1960, p. 44). Para o autor, o tempo joga um importante papel na tarefa, pois, algumas vezes, há de adiantar-se aos acontecimentos e, em outras, segui-los. O estudioso afirma que o sentido da atualidade não pode abandoná-lo, pois depende dela o efeito que a obra produzirá. Já Romualdo (2000) diz que, as charges se referem sempre a acontecimentos e personagens atuais a elas.

[...] Deve-se observar, também, que estando o humor intimamente ligado ao ambiente de uma época, mais difícil se torna ao desenhista de jornal conseguir a permanência para a produção do seu esforço intelectual e artístico. Com efeito, embora muitas vezes uma piada em historieta ou caricatura valha mais do que um editorial, depressa é esquecida e quando a repassamos em velhas coleções de jornais e revistas quase não compreendemos a intenção que encerra. O humor e a moda morrem todos os dias (BELTRÃO, 1960 p. 44).

Beltrão (1960) mostra que os primeiros ilustradores conhecidos, no Brasil, foram Debret e Rugendas¹², de cujas obras se pode reconstituir as características marcantes da sociedade colonial. Entretanto, o autor afirma que, jornalisticamente, só em 1831, com “O *Carcundão*”, surgido no Recife, nasce a caricatura em nosso país. Ele ressalta que, hoje, o desenho humorístico é indispensável aos órgãos da imprensa de largo público.

Na sociedade contemporânea, as sátiras jornalísticas, na maioria das vezes, são aplicadas sobre fatos atuais. De acordo com Beltrão (1980), a palavra sátira, originalmente, designava uma obra literária em que o vício, as tolices, a estupidez e as injustiças eram expostas

¹² “Rugendas (Johann Moritz), pintor e desenhista alemão (Augusburg, 1802 – Weilheim, 1858). Contratado como desenhista da expedição científica do barão de Langsdorff, chegou ao Brasil em 1821. Pintou e anotou aspectos de regiões brasileiras, suas paisagens, costumes, tipos e indígenas. Debret (Jean Baptiste), pintor e desenhista francês (Paris, 1768 – id., 1848), membro da missão de artistas franceses, solicitado por Dom João VI, que chegou ao Brasil em 1816. Foi nomeado professor de pintura histórica da Academia de Belas-Artes (1820)”, conforme sites: <http://www.pitoresco.com.br/Brasil/rugendas/rugendas.htm> e <http://www.pitoresco.com.br/Brasil/debret/debret.htm> - acesso em: 22 de abr. 2008.

ao conhecimento e ao despreço público. Para ele, tornou-se extensiva modernamente ao processo de atacar mediante ao ridículo por qualquer meio de expressão, incluindo-se, além de textos escritos, desenhos e fotografias divulgadas no jornal.

Beltrão (1980) observa que as publicações satirizadas nos jornais são mais passageiras que as publicadas nos livros. Nos livros, é sempre uma situação histórica e, portanto, documentada para a posterioridade. Já no jornal, as ocorrências satirizadas são episódicas e efêmeras. Ele afirma que, por isso, a sátira jornalística só é bem entendida e aplicável mesmo aos fatos atuais. Para Romualdo (2000), com o passar dos anos por causa das transformações constantes que vivem os homens e as sociedades, o contexto social se modifica, Com isso, as charges perdem, na maioria das vezes, o sentido. Para ele, por isso, quando revemos velhas caricaturas ou charges não compreendemos muitas das vezes a intenção e o humor contidos neles. Para Melo (1985), a imagem, além de ser bem aceita, permite que o leitor faça uma leitura instantânea do cotidiano. Para ele, o desenho produz um impacto imediato, seja pela evidência, seja pelo eventual humorismo.

[...] ninguém pode penetrar com êxito todo o significado das tiradas dos jornalistas ou dos desenhos humorísticos dos chargistas do II Reinado contra nosso sábio monarca Pedro. Neles, sem dúvida, apreciamos a arte literária ou o desenho do seu autor, mas a falta de atualidade, o conhecimento que já possuímos do resultado final do conflito de opiniões em jogo, não nos levará a uma ação participante, que é o objetivo último do jornalismo (BELTRÃO, 1980, p.81).

O uso da imagem como instrumento influenciador da realidade humana tenta buscar um público maior que aquele dedicado à leitura. Conforme Beltrão (1980), o artista, diante de uma realidade que o choca e irrita, utiliza o dom de abstração e sua fantasia para satirizar o acontecimento. Ele diz, ainda, que a sátira verdadeira contém sempre “um ataque agressivo e uma visão fantástica do mundo transformado” e não apenas para fazer rir. Insere “agudos e reveladores comentários sobre os problemas do mundo em que vivemos” (BELTRÃO, 1980, p. 83). Ele fala também que é preciso distinguir o riso que a sátira e a caricatura provocam, da

hilaridade de uma “inconseqüente” piada ou do simples desenho humorístico. Ele afirma que os caricaturistas são verdadeiros e indispensáveis testemunhos da história.

[...] A caricatura, incontestavelmente, possibilita verdadeira incursão no procedimento moral, físico e mental dos caricaturados, sendo mais perfeito, minucioso e indelével relatório do caráter da sociedade em qualquer tempo (BELTRÃO, 1980, p.84).

Já as charges, como um desenho crítico e satírico, e, de certa forma, até mesmo opinativo, estão cada vez mais presentes nos jornais diários. De acordo com Andraus (2003), “as charges são objetos artístico-comunicacionais utilizados largamente pelos jornais impressos” (ANDRAUS, 2003, p.1). Ele afirma que sempre o que é divulgado nas charges são assuntos que ganharam notoriedade no cenário social, político ou econômico.

A importância da charge como veículo indispensável em conjunto ao texto da notícia já está mais que justificada e é corroborada com a necessidade humana de uma melhor utilização em conjunto de seus dois lados dos cérebros, como se aventou, pedindo então uma interação nas mensagens comunicacionais: o texto literário informacional (lado esquerdo-racional) e a imagem expressiva, crítica mas com o bom humor (direito-emotivo) (ANDRAUS, 2003, p.4).

Ainda conforme o autor, a imagem é uma modalidade de comunicação expressiva necessária ao homem, pois ajuda a fazer o elo na comunicação para resgatar acontecimentos que marcaram época. Ele diz que as imagens se fazem necessárias como auxílio informacional, bem como alimento visual, visto que o ser humano impescinde da imagem como veículo de “resgate e intercurso comunicacional” (ANDRAUS, 2003, p.13).

2.1.2 A relação entre linguagem verbal e iconográfica

“Iconografia é o ramo da história da arte que se ocupa do significado das obras de arte em oposição à sua forma” (PANOFSKY, 1989, p. 31). Essa é a definição dada por Panofsky

(1989), para o termo iconografia. Para o autor, não se pode construir um retrato mental do homem em causa com base em uma ação isolada, mas só pela coordenação de um vasto leque de observações similares e pela interpretação em conexão com a informação geral acerca da época, nacionalidade, classe, tradições intelectuais e assim por diante.

Panofsky (1989) observa que o significado, assim que descoberto, pode ser chamado de “intrínseco ou conteúdo”; é essencial, enquanto que os outros dois tipos de significado, o primário ou natural e o secundário ou convencional, são fenomênicos. De acordo com ele, o significado primário ou natural é “subdividido em factual e expressional”. É apreendido pela identificação de “puras formas”, ou seja, “o mundo de puras formas pode ser designado como o mundo dos motivos artísticos” (PANOFSKY, 1989, p. 32).

A identificação de imagens, históricas e alegóricas, é o domínio daquilo que é normalmente referido como iconografia, afirma Panofsky (1989). E ainda, o significado secundário ou convencional pode ser chamado de imagens e combinações de imagens. Ele, também, diz que, por último, o significado intrínseco ou conteúdo é aquele que é “apreendido pela averiguação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, período, classe, convicções religiosas ou filosóficas” (PANOFSKY, 1989, p. 33).

De acordo com Machado (2001), a imagem teria se transformado na principal forma de difundir mensagens. Ele afirma que os novos iconoclastas¹³ falavam que as imagens, a partir de meados do século XX, começaram a se multiplicar em progressão geométrica. Machado (2001) diz que as imagens estão presentes em todos os lugares, invadem o dia-a-dia das pessoas, influenciam a “práxis” com a sua “pregnância” ideológica, diminuem a civilização

¹³ “O primeiro ciclo do Iconoclasmo foi constituído nas culturas judaico-cristã e islâmica e na tradição filosófica grega. O segundo durante o Império Bizantino (século XVIII e IX), quando a produção, disseminação e o culto das imagens foram proibidos, assim como os adeptos da iconofilia e iconolatria que foram perseguidos e executados, e tiveram suas obras queimadas em praça pública. O iconoclasmo foi decretado doutrina oficial pelo imperador Leão III em 730, e aplicado com firmeza pelos seus sucessores: Constantino V, Constantino VI e Leão V. A doutrina dilacerou o lado do antigo Império Romano durante mais de um século e provocou uma sangrenta guerra civil, que só terminaria em 843, com a restauração do culto aos ícones na catedral de Santa Sofia, em Constantinopla, atual Istambul”. Conforme site - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Iconoclastia>- acesso em 12 jun. 2008.

da escrita, aumentam o gosto pela leitura e anunciam um novo analfabetismo e a morte da palavra.

A iconografia é então uma descrição e classificação de imagens, conforme afirma Panofsky (1989). Ele fala que “a iconografia é uma ajuda inestimável para o estabelecimento de datas, proveniências e, ocasionalmente, autenticidade; e fornece as bases necessárias para toda a interpretação ulterior” (PANOFSKY, 1989, p. 34). O autor entende que a iconografia não procura, no entanto, realizar por si essa interpretação. Para ele, a função é recolher e classificar os testemunhos, mas não se considera obrigada ou habilitada a investigar a origem e a significação desses testemunhos.

[...] a iconografia apenas considera uma parte de todos esses elementos que entram no conteúdo intrínseco de uma obra de arte e têm de ser tornados explícitos se a sua percepção quer ser articulada e comunicável (PANOFSKY, 1989, p.34).

Como observa Machado (2001), se for verdade que hoje se produz muito mais imagens que antes, também é verdade que se imprimem muito mais textos escritos e se distribuem, como nunca, sons gravados através de rádio e disco, com forte ênfase na palavra oralizada. Para ele, embora não existam dados estatísticos confiáveis a esse respeito, é bem pouco provável que se produzam, em nosso tempo, mais imagens que textos escritos ou oralizados.

[...] Ao contrário da propalada civilização das imagens, vivemos em uma civilização fortemente marcada pela hegemonia da palavra. Aliás, acredito que serão necessárias muitas décadas de desenvolvimento dos meios audiovisuais para que o discurso das imagens se imponha como uma forma de comunicação e pensamento tão disseminada quanto o discurso verbal é atualmente (MACHADO, 2001, p. 17).

Segundo Machado (2001), as formas de expressão significante mais baratas, mais acessíveis a todos e mais fáceis de difundir são a fala oral e o texto escrito, e por essa razão, permanecem sendo as formas de comunicação básicas da humanidade. Ele observa que, nos

lugares onde ainda há o predomínio do analfabetismo, a hegemonia da escrita é menor. Para o autor, a escrita não pode se opor à imagem porque nasceu dentro das próprias artes visuais, como um desenvolvimento intelectual da iconografia. O autor lembra que, em alguns momentos do segundo milênio a.C, alguma civilização teve a idéia de “rasgar” as imagens, a fim de abrir a visão para os processos invisíveis que se passavam no seu interior, bem como de desmembrar cada uma de suas partes em unidades separadas, para reutilizá-las como signos em outros contextos e num sentido mais geral.

[...] O rasgamento das imagens permitiu desfiá-las em linhas seqüenciais (nascia assim o processo de linearização da escrita), enquanto o desmembramento de suas partes compreendeu cada elemento da imagem (pictograma) como um conceito (MACHADO, 2001, p.22).

A primeira forma de escrita que se conhece é “iconográfica”, e deriva totalmente de uma técnica de “recorte” de imagens, como conta Machado (2001). “Ela nasceu de um impulso conceitual, de uma vontade de enunciar proposições ocorridas no interior das próprias práticas iconográficas” (MACHADO, 2001, p.23).

2.1.3 O desenho no jornalismo opinativo

A maioria dos jornais que circulam no Brasil divulga informações em diversos tipos de textos. Nesses textos, encontram-se características e funções que só se acham no contexto jornalístico. Acontecimentos e fatos noticiosos são divulgados diariamente nas páginas dos jornais. Em outros casos, os textos além de informar, criticam e opinam sobre os acontecimentos. Dentro desse universo noticioso, que contém críticas e opiniões, está a charge, pois é um tipo de texto informativo que, enquanto imagem, é de fácil leitura e ao mesmo tempo consegue transmitir informações variadas e condensadas. Segundo Romualdo (2000, p. 5), o texto chárstico diferencia dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando

constantemente o humor. De acordo com ele, apesar de possuir características específicas, não se pode pensar a charge como um texto separado, sem relações com outros textos, que aparecem não só no próprio jornal, mas também fora dele.

De acordo com Melo (1985), a imagem no jornal motiva de tal modo o leitor e produz uma percepção tão rápida da opinião que se torna instrumento eficaz de persuasão. Uma charge ou uma caricatura pode ser muito mais densa do que outros textos opinativos, como uma crônica ou até mesmo um editorial, lembra Romualdo (2000). Para ele, o leitor pode, até mesmo, deixar de ler estes e outros gêneros opinativos do dia-a-dia, optando pela leitura da charge que, por ser um texto imagético e humorístico, desperta mais atenção e lhe transmite mais rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens e acontecimentos no cenário político. De acordo com Melo (1985), os caricaturistas atuam como se fossem a consciência crítica da sociedade. Ele fala que as imagens fazem o resgate cotidiano do “espírito do contra”, isto é, o conjunto das contradições relativas às sociedades contemporâneas, cujas instituições políticas sufocam os cidadãos.

Como observa Melo (1985), é válida a autonomia da opinião ilustrada, uma vez que se trata de uma forma de expressão que ficou reduzida à imagem divulgada nos jornais. Para ele, no passado, as opiniões ficavam presas nos textos escritos, uma vez que os jornais não dispunham de recursos tecnológicos para colocar os desenhos em suas páginas diárias. Vale lembrar, segundo o autor, que no caso dos gêneros que se agrupam na área da opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada, ou seja, é controlada pela empresa jornalística e essa postura assume duas feições: a de autoria, que será a de quem irá emitir a opinião, e a de angulação, que dará sentido à opinião expressa no jornal.

De acordo com Melo (1985), a caricatura emite opinião temporalmente contínua, simultânea com o aparecer e o repercutir dos acontecimentos. Ele afirma que a crônica, outro gênero opinativo, estrutura de modo temporalmente mas defasado, ou seja, vincula-se

diretamente aos fatos que estão acontecendo, mas seguem-lhe o rastro, isto é, não coincidem com o momento atual.

[...] Do ponto de vista da angulação espacial, somente a caricatura estrutura-se articuladamente com o ambiente peculiar à instituição jornalística, ou seja, nutre-se daqueles valores que dão “espírito de corpo” à redação de um jornal, emissora ou revista (MELO, 1985 p. 49).

A expressão da opinião varia muito com a ideologia, a cultura e a classe social do chargista. Para Melo (1985), o gênero opinativo, não tomado no sentido de categorização das mensagens que pretendem explicitamente atribuir valor aos fatos, mas compreendida como mecanismo de direcionamento ideológico, realiza-se nos processos jornalísticos através da seleção dos acontecimentos observados no organismo social e que atendem às características de atual e de novo. Hoje, vale lembrar que os veículos de comunicação emitem a opinião através de vários gêneros opinativos, como: charge, editorial, crônica, manchete, fotos e artigos. Para Erbolato (1991), o jornalismo interpretativo não pretende, porém, voltar aos velhos tempos, pois as notícias opinativas eram publicadas num único texto. Para ele, o jornalismo atual deve aprofundar na análise dos fatos e publicação de textos paralelos para complementá-la. Ele afirma também que existem profissionais que resistem à prática do jornalismo interpretativo, alegando que, com ele, há a possibilidade de transmitir aos leitores opiniões disfarçadas em forma de análises e interpretações.

De acordo com Melo (1985), nem todo desenho veiculado nos jornais tem a função de opinar sobre os acontecimentos no cenário político. Segundo ele, alguns dos recursos gráficos utilizados são meramente informativos ou explicativos como a infografia, mapas, fotos e outros. Ele afirma que a opinião se manifesta de forma clara e permanentemente através da caricatura, cuja finalidade satírica e humorística emite juízo de valor. “A caricatura é uma forma de ilustração com sentido nitidamente opinativo” (MELO, 1985 p. 122).

O humor encontrado no desenho tenta restabelecer a verdade sobre os fatos e personagens. De acordo com Melo (1985), a expressão contida no desenho antecede a

ilustração gráfica. E acrescenta que o texto vem primeiro e só depois se realiza através da imagem. Ele afirma que muitos escritores já praticavam a ironia e a crítica ou até mesmo exageravam as características das pessoas antes das caricaturas.

Como observa Melo (1985), esse gênero opinativo contido nos jornais que é a caricatura (charge), desenvolve uma função social de grande valor que é a emissão rotineira da opinião nos veículos de comunicação. “É que a imagem, na imprensa, motiva de tal modo o leitor e produz uma percepção tão rápida da opinião que se torna instrumento eficaz de persuasão” (MELO, 1985, p.123). Ele afirma que, por isso, a caricatura tem o poder de incomodar mais que o editorial e o artigo. Vale lembrar que, segundo Melo (1985), no Brasil, a caricatura no período autoritário militar praticamente desaparece das páginas dos jornais e revistas, como forma opinativa.

2.1.4 O poder do discurso, da polifonia e do intertexto na construção da informação

A visão de um jornalista, certamente, não é a mesma de um historiador que se confronta com os acontecimentos já esgotados pelo tempo. O discurso que cada um fará do acontecimento dependerá da capacidade de reprodução da informação que cada um terá diante dos fatos e da realidade. Para Rebelo (2000), o poder do discurso está na capacidade em construir uma ilusão da realidade, sendo certo que, na maior parte das vezes, a matéria-prima a ser utilizada, já chega, por exemplo, para o jornalista de forma enunciativa de dimensão indefinida. O autor afirma que o discurso jornalístico coloca o leitor frente ao início do acontecimento narrado num tempo anterior ao da sua produção enquanto discurso e, certamente, ao da recepção pelo leitor. Para ele, através deste recuo temporal, o jornalista atualiza o passado, isto é, transporta virtualmente o leitor para o momento de ocorrência do fato.

No discurso do jornal, encontram-se peças que dispensam qualquer arranjo jornalístico, qualquer tratamento operado por um qualquer sujeito exterior ao enunciador. Ei-lo, o enunciador, virado para si próprio, escrevendo para si mesmo. Ou para ninguém. Ou ei-lo, mergulhado numa relação dialógica com um auditório virtual, aquele a quem ele se dirige através do jornal (REBELO, 2000 p. 133).

De acordo com Brandão (1997), a característica encontrada no discurso é, em suma, o que vem a mais, o que vem depois, o que se acrescenta. Ela afirma que os textos são vistos de uma forma redutora, não se preocupando com as formas da instituição do sentido, mas com as formas de organização dos elementos que o constituem.

De acordo com Romualdo (2000), o discurso jornalístico não apenas reproduz o real, mas o constrói. E afirma que no mundo jornalístico são encontrados vários textos sobre um determinado acontecimento. Para o autor, isso garantirá ao jornal o pretendido discurso pluralista, isto é, ao serem estabelecidas as relações entre os textos diversos, percebe-se que eles podem até possuir posições contrárias. Romualdo (2000) explica que a charge jornalística é um dos textos que entram na configuração desse discurso da realidade. Ele diz que, ao relacionar a charge com outros textos do jornal, o leitor recupera a intertextualidade¹⁴.

As publicações dos intertextos nos jornais nem sempre são no mesmo dia da charge. Portanto, Romualdo (2000) diz que é necessário buscar no jornal do dia anterior ou mesmo de períodos mais longos. Para ele, as charges que retomam textos presentes nos jornais dos dias anteriores exigem um leitor habitual daquele jornal. E acrescenta que é natural que a maioria das charges se relacionem intertextualmente com textos da primeira página do jornal.

[...] O leitor ao ler o texto chágico, geralmente correu os olhos pela primeira página do jornal e sabe em relação a que colocar a opinião e crítica passadas pela charge. Opõe-se, assim, o texto neutro, somente com a função de espelhar os acontecimentos, a charge, que é um texto opinativo (ROMUALDO, 2000 p. 87-88).

Para Romualdo (2000), a charge é um texto polifônico, isto é, um texto que apresenta várias “vozes” em sua constituição e que mantém relações intertextuais com outros.

¹⁴ Intertextualidade: é ter em mente que o sentido de um texto se estabelece pela relação que ele mantém com outros textos.

Para ele, levar em conta a intertextualidade no processo de leitura é ter em mente que o sentido de um texto se estabelece pela relação que ele mantém com outro texto.

Conforme afirma Romualdo (2000), a construção do sentido de um texto passa pela existência de outros textos, fazendo emergir vozes de enunciadores diferentes, o que caracteriza a linguagem humana como essencialmente polifônica. Ele esclarece que, todo caso de intertextualidade pode ser tomado como polifonia, mas o inverso não é possível. Já Brandão (1997) diz que a polifonia pode ocorrer tanto no nível do locutor quanto no do enunciador. Ele ensina que, no nível do locutor, a polifonia se manifesta nos casos em que há desdobramentos da figura do locutor.

Como observa Brandão (1997), a palavra só ganha sentido dentro de uma formação discursiva. A autora diz que o sentido é algo que é produzido historicamente pelo uso do discurso como efeito entre locutores posicionados em diferentes perspectivas. Ela afirma que, assim, há uma heterogeneidade que é característica do próprio discurso e que é produzida pela dispersão do sujeito.

[...] Essa heterogeneidade, entretanto, é trabalhada pelo locutor de tal forma que, impulsionado por uma “vocalização totalizante” faz com que o texto adquira, na forma de um concerto polifônico, uma unidade, uma coerência, quer harmonizando as diferentes vozes, quer “apagando” as vozes discordantes (BRANDÃO, 1997, p. 66).

De acordo com Brandão (1997), a noção do sujeito que se desdobra e assume vários papéis no discurso nos remete ao conceito de polifonia. Ele afirma que todo discurso tem dentro dele outro discurso, ou seja, aquilo que já foi dito é um já-dito. No caso da charge, ela sempre manterá relações intertextuais com outros textos.

[...] Charge. crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. Reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a ótica do desenhista. Tanto pode se apresentar somente através de imagens quanto combinando imagens e texto (título, diálogos) (MELO, 1985 p. 123).

Nas charges percebe-se claramente a necessidade de se trabalhar sempre com mais de um texto, buscando sempre relações com os demais textos existentes. Portanto, nota-se que no desenho chágico, a polifonia é caracterizada na pluralidade de textos, ou seja, há incorporação de vários textos na produção da charge.

3 CHARGE: OBJETO DE ESTUDO

Esta pesquisa busca analisar um período de caos político relacionado ao objeto de estudo, ou seja, as charges do Lute no jornal *Hoje em Dia* e a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Foram selecionadas as edições entre 3 de agosto e 3 de outubro de 2006, pois é uma amostragem do período. A charge publicada em cada edição será objeto visual que, aliado ao contexto político e ao traço do chargista, servirá de elemento comunicacional, podendo ser utilizada como elemento informacional. O período que será analisado foi de escândalos na política: mensalão, superfaturamento na compra de ambulâncias e outras denúncias, e justamente no ano de campanha para a reeleição do atual presidente.

Nesse período de reeleição, a mídia divulgou várias matérias denunciando as corrupções no cenário político brasileiro. Tais textos fizeram uma reviravolta no campo político, pois os adversários de Lula usavam as matérias publicadas para acusar o governo de corrupto. Em manchete publicada no Jornal *Hoje em Dia*, no dia 04 de agosto de 2006, os leitores puderam observar como as acusações de corrupção no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) influenciaram no cenário político, ou seja, na disputa pela Presidência da República. Com isso, o adversário Geraldo Alckmin (PSDB) aproveitou para atacar o então Presidente na capital mineira: “Alckmin faz duros ataques a Lula em BH”. O conteúdo da matéria fez crítica ao então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. De acordo com o jornal, “Geraldo Alckmin, em campanha, ontem, em Belo Horizonte, voltou a acusar o Governo Lula de corrupto, fraco e incompetente”¹⁵. Alckmin afirmou, ainda, que Lula queria “realizar uma revisão constitucional para tentar desviar a atenção da população em relação ao quadro político.”¹⁶ Essa idéia, colocada nesse momento, não passa da tentativa do governo de desviar a

¹⁵ [Http://hojeemdia.com.br/v2/busca](http://hojeemdia.com.br/v2/busca)– acesso em: 25 de mar. 2007

¹⁶ A idéia proposta, lançada pelo presidente Lula, era de instalação de uma Assembléia Constituinte para realizar uma revisão constitucional.

atenção da população sobre os problemas de corrupção que ele vem enfrentando. “Assembléia Constituinte? O que é isso? O que ele está tentando é desviar o foco da corrupção¹⁷”.

Assim, pode-se prever que as matérias divulgadas no jornal *Hoje em Dia* e em outros veículos de comunicação serviram a uma reapropriação por parte do chargista Lute, não apenas embasados nos fatos publicados diariamente no veículo em questão, mas também nos grandes jornais brasileiros, para completar a ponte necessária à comunicação e à informação da charge divulgada no jornal *Hoje em Dia*.

3.1 Metodologia de pesquisa

A metodologia é um emaranhado de atividades pesquisadas que, organizada com critérios racionais e seguros, permitirá ao pesquisador alcançar o objetivo desejado. Nessa perspectiva, pressupõe que os conhecimentos adquiridos serão válidos e verdadeiros e traçará o rumo a ser seguido, evitando futuros erros e auxiliando nas decisões a serem tomadas pelo pesquisador.

De acordo com Lakatos e Marconi (1991), o homem tem a preocupação em descobrir e tentar achar explicações para os fenômenos da natureza desde o início das civilizações. Com isso, eram adotados os conhecimentos mitológicos para tentar explicar cada acontecimento de caráter sobrenatural.

Neste trabalho, o que se pretende é analisar algumas charges do jornal *Hoje em Dia*, em período específico, a fim de se perceber se elas realmente retrataram o cenário político brasileiro daquele momento.

Nessa perspectiva, as charges serão analisadas sob as seguintes categorias:

- 1- O processo de intertextualidade

¹⁷ [Http://hojeemdia.com.br/v2/busca](http://hojeemdia.com.br/v2/busca)– acesso em: 25 de mar. 2007

- 2- A polifonia
- 3- O discurso
- 4- O caráter opinativo ou irônico do desenho chágico.

Outro procedimento metodológico adotado neste trabalho é a entrevista. Em contato face a face com o chargista Lute, no dia 27 de abril de 2008, ele forneceu elementos importantes para a análise do material selecionado. De acordo com Lute, a charge não é um desenho de interesse pessoal. Isso porque, segundo o desenhista, uma crítica individual não irá atrair ninguém. Lute acredita que o desenho deve conter informações de interesse público.

O desinteresse dos jovens pela política é um fato preocupante na visão do chargista. Para ele, as charges, por serem um desenho que critica, ironiza, opina e arranca um riso do leitor, são o instrumento ideal para politizar essas pessoas que dizem não se interessar por política. Lute afirma que, por ser um objeto de fácil leitura e sempre trazer muitas informações, os jovens acabam conquistados.

O chargista conta que, sempre, que é convidado a dar palestras nas escolas sobre charge e política, o desinteresse dos estudantes no assunto é nítido. Mas, de acordo com ele, no momento em que começa a mostrar o seu trabalho e como critica a esfera política, o cenário muda em relação aos alunos, isto é, eles começam a se interessar por política. O que Lute deixa claro para os estudantes é que a charge não é partidária. A crítica e a ironia são para todos os partidos e os governantes.

Há 15 anos trabalhando no jornal *Hoje em Dia*, Lunarde Teles dos Santos, ou Lute, registra através da charge cada acontecimento importante na política. Diariamente suas charges são publicadas na página 2 do caderno de Opinião, com exceção de domingo, quando sai na página 4 do jornal em questão.

Lute recebeu dois prêmios importantes. O primeiro foi no salão de Piracicaba, um dos três mais importantes do mundo. Lá, ele conseguiu o primeiro lugar. E, no salão carioca de humor, ele conquistou o segundo lugar. O chargista é representante do Brasil no Ridep

(França)- Encontro de Desenhista de Imprensa. É o criador e atual presidente da Cartuminas – Cartunistas Mineiros Associados. Segundo Lute, a Cartuminas é para divulgar e promover os desenhos dos chargistas mineiros no cenário mundial.

3.1.1 As charges e suas características

Antes de iniciar a análise do objeto deste trabalho, é importante descrever o momento histórico que abrigou as charges evidenciadas neste estudo. A disputa presidencial em 2006, tendo Lula com 49% e Geraldo Alckmin com 22% das intenções de voto, segundo dados publicados no jornal *Hoje em Dia*, no dia 28 de agosto de 2006, mostrou como o favorito fez a oposição contra-atacar com acusações de corrupção e desvio de dinheiro público. Os problemas políticos surgidos no governo Lula, em seu mandato, são um marco para a história do País.

O candidato do PSDB à Presidência da República, Geraldo Alckmin, conforme publicado no jornal *Hoje em Dia*, no dia 10 de agosto de 2006, fez um plano anticorrupção¹⁸ para tentar reverter a queda nas pesquisas, segundo Sensus e Datafolha. “Vamos fazer um pacote não só para consertar o que aconteceu em matéria de corrupção, como para prevenir que novos casos aconteçam”¹⁹. Diante desse quadro de ataques de opositores ao governo de então, o chargista Lute retratou tais acusações através das charges veiculadas, diariamente, no jornal *Hoje em Dia*, ironizando as investidas dos adversários para reverter o quadro favorável ao então presidente Lula. Como toda disputa política é, de certa forma, uma maneira de estar no poder, vale qualquer artifício para conseguir a vitória no cenário político.

¹⁸ Plano anticorrupção: O plano anticorrupção é a proposta do candidato Geraldo Alckmin para tentar acabar com o desvio de dinheiro público. Envolverá mudanças na legislação, alterações na elaboração da proposta orçamentária e no funcionamento da Comissão Mista de Orçamento, além de critérios mais rígidos na avaliação dos projetos do Executivo. Também está prevista a adoção de novos procedimentos nas compras do governo e no controle dos custos e dos gastos públicos para evitar desvios e desperdício.

¹⁹ [Http://hojeemdia.com.br/v2/busca](http://hojeemdia.com.br/v2/busca)—acesso em: 25 mar. e 02 set. 2007



Fonte: Jornal *Hoje em Dia*, 9 de agosto de 2006 – **charge 1** e *Hoje em Dia*, 10 de setembro de 2006- **charge 2**, página 2, caderno de Opinião.

As charges 1 e 2, a primeira veiculada no dia 09 de agosto de 2006, no caderno de Opinião, no jornal *Hoje em Dia*, e a segunda, no dia 10 de setembro de 2006, mostram a relação que existe entre as charges com outros textos que foram veiculados no jornal em questão e também em outros veículos de comunicação.

Além dos tipos de relações intertextuais, as charges relacionam-se também com a simbologia criada em torno de algumas datas. Nas charges citadas, a relação está na proximidade com a eleição do dia 3 de outubro de 2006, em primeiro turno. De acordo com Romualdo (2000), o próprio jornal, através da sua estrutura, fornece a data e, por conseguinte, a simbologia que ajudará a compreender o texto chágico. Ele afirma que isto se dá pela relação intertextual contida no desenho.

Parodiando a situação de desvantagem do candidato publicada nos jornais, o chargista, através do humor e da ironia, revela o falso otimismo de Alckmin (PSDB) em conquistar a eleição. Portanto, no jogo polifônico das “evidências”, fala mais uma voz, que “evidencia” o verdadeiro interesse de Geraldo Alckmin (PSDB), ao dizer que vai disputar o segundo turno. Conforme afirma Brandão (1997), quando o sujeito, no caso aqui o candidato, se desdobra e assume vários papéis no discurso, remete-se ao conceito de polifonia, pois a charge é uma texto polifônico. .

As charges mencionadas são compostas de três quadros. Apesar da primeira ilustração ter sido veiculada com 31 dias de diferença uma da outra, elas abordam o mesmo assunto. No primeiro, a idéia que é passada é de uma alegria, momentânea, ao tempo em que o candidato à presidência da República, Geraldo Alckmin (PSDB), achava estar vivenciando e, na segunda, a esperança em disputar o segundo turno.

O humor contido nos desenhos está nas relações intertextuais, pois, nas pesquisas divulgadas pela mídia, o candidato Geraldo Alckmin (PSDB) não está, de acordo com o gráfico, bem nas intenções de votos veiculadas nos jornais. Há, também, nestas charges, ligações entre os elementos visuais e verbais, que se auxiliam para transmitir tais idéias²⁰. O uso do “balão fala” indica o medo que o falante sente ou se quer transmitir na primeira charge. Na segunda, o balão utilizado foi o mesmo, pois mostra a fala do candidato e o otimismo dele em vencer a eleição e, também, o ar irônico da fada madrinha, do papai Noel, da cegonha e do duende.

Na charge 1, os assessores do candidato Geraldo Alckmin, após entregarem o gráfico de cabeça para baixo, saem em disparada antes da reação do candidato ao descobrir a verdade. E a outra mostra que, apesar dos resultados apresentados pelos jornais, o candidato acredita na eleição. O processo discursivo contido nas charges 1 e 2 não tem um início, ou seja, o discurso se apóia sempre em um discurso prévio que serve de matéria-prima. Percebe-se claramente que Alckmin aproveita as denúncias de corrupção contra Lula para produzir cada discurso.

A relação entre as imagens associadas em séries, além de marcar a temporalidade, a cronologia das ações, também tem implicações humorísticas, pois o primeiro desenho prepara para a situação engraçada que terá o seu desfecho na seguinte. De acordo com Romualdo (2000), como a leitura dos balões se dá da esquerda para a direita, a liberdade de leitura da imagem sofre limitações, uma vez que essa ordem passa a ser também aplicada a ela.

²⁰ Idéias neste contexto é a união entre os desenhos e o texto contido nos balões, para criticar o candidato Geraldo Alckmin (PSDB), em relação ao seu otimismo em ser o futuro presidente.

Para o autor, tanto a leitura horizontal quanto a vertical dos balões reforçam a idéia de tempo. “Esse reforço temporal se dá justamente porque a localização dos balões no espaço indica a ordem das réplicas, e, portanto, sua cronologia” (ROMUALDO, 2000, p. 31). Ele esclarece, além de ajudar a decifrar o conteúdo e a forma, os balões trazem informações quanto à qualidade da fala. Portanto, o leitor da charge para decifrá-la, irá tomar os acontecimentos divulgados nos veículos de comunicação e o conteúdo expresso nos balões e no desenho.

[...] compreenderemos a charge como o texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal (ROMUALDO, 2000 p. 21).

A relação intertextual do texto chágico com as notícias divulgadas nos jornais é de caráter irônico e humorístico, pois mostra o interesse real do candidato Geraldo Alckmin (PSDB) em conquistar a presidência da República, claramente colocados nas charges, ou seja, mesmo nas pesquisas divulgadas nas mídias que apontam sempre um cenário desfavorável ao candidato Geraldo Alckmin (PSDB), ele, nas suas aparições nos veículos de comunicação, está sempre dizendo que conseguirá ir disputar o segundo turno e conseguirá ser eleito.

3.1.2 A relação da charge com os acontecimentos políticos

Os fatos expostos na mídia sobre os escândalos na esfera política são sempre prejudiciais aos candidatos envolvidos nos casos, mas beneficia os adversários. A traição dos aliados do candidato Lula é ironizada por Lute. É pertinente, antes de analisar as charges seguintes, contextualizar o leitor. Conforme divulgado no jornal *Hoje em Dia*, em 26 de setembro de 2006, no caderno de Política, numa matéria de título: “Lula está mais para Pilatos, diz Heloísa”²¹, a candidata da coligação Frente de Esquerda Socialista à presidência da

²¹ [http: www.hojeemdia.com.br/ v2/busca](http://www.hojeemdia.com.br/v2/busca). Acesso em: 08 de maio 2008

República, Heloisa Helena (PSOL-AL), criticou a declaração do candidato Lula, que se comparou a Jesus Cristo, invocando a traição de Cristo pelo apóstolo Judas Iscariotes, numa referência ao envolvimento de assessores próximos e petistas nos escândalos políticos.



Fonte: Jornal *Hoje em Dia*, 26 de setembro de 2006 **charge 3** e *Hoje em Dia*, 27 de setembro de 2006, **charge 4**²² - página 2, caderno de Opinião.

A relação intertextual com as charges está em forma de deboche. De acordo com matéria divulgada no jornal *Hoje em Dia*, em 26 de setembro de 2006, no caderno de Política, Lula faz crítica aos petistas envolvidos nos escândalos e diz que irá ser reeleito. Lula diz, também, que do mesmo jeito que Jesus e Tiradentes foram traídos, ele foi, ou seja, a traição de aliados petistas é comparada, por Lula, a uma passagem bíblica. Nesta perspectiva, o chargista ironiza quando o presidente pede “Senhor, protegei-me dos aliados!”, pois Lula havia selecionado pessoas de sua total confiança para auxiliá-lo no seu mandato. E membros do PT o apunhalaram. De acordo com Beltrão (1980), o chargista diante de uma verdade que não agrada e irrita, utiliza o dom da abstração e do humor para satirizar o fato ocorrido.

Nestas charges, percebe-se claramente a riqueza de recursos polifônicos apresentados nos balões e nos detalhes dos elementos expostos nos desenhos. No primeiro quadro, destaca-se a caricatura de um guerreiro romano indo para mais uma batalha. Ao fundo o desenho mostra o combate entre os soldados e seus adversários. O pensamento colocado

²² Lorenzetti: O chargista ao usar a marca de um chuveiro para representar um dos aliados que traíram o presidente Lula, ironiza a situação, pois a mensagem que Lute passa é a de que Lula precisa limpar a sujeira feita pelos petistas.

dentro do balão de linha em formato de nuvens, expõe o medo que os guerreiros têm nos confrontos. Na frase “Senhor, protegei-me dos inimigos!”. Embora o soldado tenha a disposição para a guerra, o pavor a ela sempre o acompanha.

No discurso das charges há o predomínio da incerteza, pois o chargista através dos elementos pictóricos e do humor mostra que o presidente Lula não pode confiar mais nas pessoas que estão próximas ao governo. Romualdo (2000) diz que a charge é um leque de informações e que ela não pretende apenas encaminhar o leitor para um único posicionamento; ela está mais interessada em motivar no leitor pelo humor, a preocupação com o cenário político, a reflexão e o debate dos representantes governamentais.

A análise permite afirmar que as charges se apresentam como um texto irônico. Há no discurso chárstico a tensão entre duas vozes divergentes, isto é, a primeira remete à idéia de que todo guerreiro está sempre preparado para o combate e como consequência para a vitória. No segundo caso, o maior inimigo apresentado está configurado nos aliados do presidente Lula e, neste caso, a conquista será mais difícil, pois existem inimigos que se dizem aliados e, portanto, o combate será interno e externo, ou seja, a oposição está sempre pressionando o presidente e os que disseram ser os seus companheiros estão envolvidos em desvios de dinheiro público: mensalão, superfaturamento das ambulâncias, dentre outros. De acordo com Rebelo (2000), o discurso jornalístico coloca o leitor frente ao início do fato narrado num tempo anterior ao da sua produção enquanto discurso e, certamente, ao da recepção pelo mesmo.

Assim, por meio da ironia, o chargista argumenta contra a corrupção que existe no governo. A ironia enquanto argumento está bem empregada pelo chargista, pois o isenta de fazer afirmações claras que possam comprometer o seu trabalho: como problemas com a censura e a falta de ética. Portanto, a ironia está no contraponto entre a mensagem verbal e a mensagem visual.

Na charge 4, a fala do presidente Lula frustra totalmente as expectativas de seu discurso. Se, na charge 3, havia uma consonância de opinião entre as duas figuras, pois um

lutava contra inimigos e o outro contra os aliados, isto é, ambos estavam em uma batalha, na charge 4 há uma dissonância, pois se contrapõe à primeira. No primeiro momento, Lula estava pedindo proteção e, no segundo, o chargista deixa claro que todos os aliados do governo o estavam apunhalando pelas costas, inclusive do próprio partido, ou seja, PT – Partido dos Trabalhadores- que está sendo representado no desenho através da estrela vermelha. Aqui, tanto na primeira charge quanto na segunda, o elemento visual reforça o verbal. As charges, ao mostrarem o presidente em situação desconfortável, põem a nu a atitude irresponsável do próprio Lula em dar total liberdade aos que se disseram aliados e que foram criticadas na leveza da metáfora utilizada pelo chargista.

De acordo com Thompson (2005), nos dias atuais é impossível aos candidatos não se submeterem à visibilidade exagerada imposta pela mídia. Com tanta denúncia de corrupção no cenário político, conforme foi citado anteriormente, a imagem do presidente vira alvo de críticas. Já Lima (2006) diz que a visibilidade que a mídia causa pode trazer conseqüências imediatas para os líderes políticos. No caso das charges analisadas, o chargista através do humor e da ironia mostra como os aliados do presidente estão prejudicando o seu futuro político. E, portanto, quando existem escândalos na política é praticamente impossível administrar a visibilidade.

3.1.3 A crítica feita através da charge

A matéria-prima da charge é o texto, ou seja, é através dele que o chargista constrói o elemento pictórico que ironiza, informa e faz rir. Na charge a seguir, Lute não faz o uso de texto publicado no jornal em questão e nem em outros veículos de comunicação. Em entrevista ao chargista, questionei o porquê dessa charge não ter relação com nenhum texto publicado no jornal. De acordo com ele, desde que o presidente assumiu o mandato, o lucro dos bancos

subiu. O chargista afirma, ainda, que a ironia está na data em que essa charge foi publicada: Dia dos Pais. Lute diz que o leitor ao ver esse desenho, saberá fazer a leitura sem precisar recorrer aos textos veiculados nos jornais.



Fonte: jornal Hoje em Dia, 13 de agosto de 2006, página 2, caderno de Opinião. **Charge 5**

Encontramos duas vozes divergentes no interior da charge: a linguagem verbal que coloca Lula como pai dos banqueiros e a linguagem visual que homenageia o Dia dos Pais. O presidente sendo um dos milhões de pais no Brasil, tem a sua imagem utilizada pelo chargista para representar a paternidade brasileira. Portanto, a intertextualidade presente possibilita ao leitor entender que a palavra “FEBRABAN” refere-se aos bancos brasileiros. O texto nos mostra a relação entre o presidente e os banqueiros. Nesta charge, o intertexto não apareceu veiculado ao jornal em questão. Com isso, o leitor deve ter em seu repertório o conhecimento necessário para a compreensão da intertextualidade.

O uso de recursos polifônicos com vozes não coniventes pelo chargista auxilia no entendimento do texto nesta charge, pois há ironia na fala da primeira dama, Marisa, quando ela pergunta se Lula havia olhado o cartão. A ironia contida nela vai contra o que o presidente pensava ser, ou seja, o presente não era dos seus filhos, mas sim da FEBRABAN- Federação Brasileira dos Bancos.

No discurso da charge predomina a incerteza do presidente Lula em relação ao presente recebido. O discurso, após ele verificar a origem do cartão, volta –se para si mesmo, num constante diálogo interior. Por meio das ações expostas no desenho, a charge não pretende simplesmente encaminhar o leitor para um único posicionamento, o interesse maior é provocar no leitor o riso, a inquietude e a reflexão.

A charge é dividida em quatro quadros. A relação entre os elementos da imagem é responsável pelo efeito irônico e humorístico do desenho. O leitor observa que os três primeiros quadros abordam uma relação positiva do elemento visual em relação ao verbal, que é totalmente o inverso no quarto quadro. Esse recurso utilizado pelo chargista é carregado de humor, pois mostra a relação de satisfação dos banqueiros para com o presidente. De acordo com Lute, em sua entrevista, o dia de veiculação dessa charge era uma data comemorativa, Dia dos Pais. Segundo ele, era pertinente ironizar a união dos banqueiros com Lula, isto é, o presidente era o pai deles.

O aspecto positivo da charge é quebrado no quarto quadro, pois nele o humor e a sátira são claros no elemento verbal. O chargista, através do humor, ironiza o presidente, pois a data em que a charge foi publicada é em comemoração ao Dia dos Pais – segundo domingo do mês de agosto. Lula, na visão do chargista, está sendo considerado o pai dos banqueiros²³ e nada melhor que um presente para homenagear o dia.

Nota-se que os quadrinhos estão ligados a uma rede de ações lógicas e coerentes. Conforme Eisner (2001), o leitor de quadrinhos tem que ter habilidade interpretativa visual e verbal, já que há uma sobreposição de palavras e imagens, pois existe uma tentativa de o autor deixar o desenho e o texto leves. De acordo com Romualdo (2000), tanto as charges como as histórias em quadrinhos devem seguir regras gramaticais, como coerência e coesão. Na charge em questão, nota-se que o recurso utilizado é visto nas Artes Sequenciais, ou seja, uma seqüência de desenhos numa mesma ordem. Contudo, a maioria das charges é feita dentro de

²³ Segundo Lute, Lula é considerado o pai dos banqueiros, pois os bancos sob a política econômica de Lula, bateram recordes, ou seja, a maior lucratividade dos bancos foi justamente no período de seu mandato.

um único quadro e em algumas vezes o quadro é dividido em dois ou três. Nesta charge, o criador dividiu o quadro em quatro partes, onde foi respeitada a regra gramatical. Com isso, a charge estimula o riso. Romualdo (2000) afirma que quando o chargista é observador, através do desenho, ele irá construir um texto crítico contundente e revelador.

Assim, por meio da ironia, o chargista argumenta contra o enriquecimento das instituições bancárias. Ele também alerta o leitor para o problema da corrupção. Devido à ironia, a intertextualidade da charge caracteriza-se como paródia²⁴, pois surge de uma nova interpretação do acontecimento, isto é, o texto chágico, ao contrário dos verbais, coloca em dúvida e critica o presidente e os banqueiros.

²⁴ “A paródia é recurso encontrado com frequência na literatura. Reside na retomada de um texto, trabalhado com novas e diferentes intenções daquelas com que foi criado por seu autor. Encontramos paródias humorísticas, críticas, poéticas”. Conforme site: <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/ensino/transtextualidade.htm> – acesso em 11 de abr. 2008

CONCLUSÃO

“Sorria, você está sendo filmado”. Esse texto é encontrado na entrada de vários lugares de acesso público. Nas charges, o riso é arrancado no rosto dos leitores na maneira peculiar que ela tem de informar, criticar, ironizar e opinar sobre os acontecimentos contemporâneos no cenário político.

A charge é um desenho que, além de carregar elementos pictóricos, deve conter um texto coerente e coeso. A sua interpretação se dará no momento em que o leitor conseguir entender o texto chárstico, ou seja, a relação do desenho com a matéria veiculada no jornal. A charge focaliza um determinado acontecimento contemporâneo, geralmente ligado à política, fazendo uma crítica de algum fato. Portanto, somente aqueles leitores que conhecem essa realidade podem entender a ironia contida na charge.

A charge do jornal *Hoje em Dia* se diferencia por ser um texto irônico visual e humorístico. A sutileza em cada desenho mostra que a intenção do chargista não é atacar, através dos traços, um determinado líder político. A informação é fator primordial em cada charge. O período analisado foi recheado de denúncias no cenário político, como: mensalão, superfaturamento das ambulâncias, a ligação de aliados com o desvio de dinheiro público e como o presidente Lula estava tentando ser reeleito. O chargista ironizava cada acusação de corrupção usando elementos textuais e visuais para despertar o riso no leitor.

O texto encontrado na charge segue a mesma forma das Artes Seqüenciais, isto é, aparece nos balões para representar a fala ou o pensamento do personagem. Há o predomínio do balão trêmulo, que indica o medo, a incerteza e a dúvida que os personagens têm dos acontecimentos divulgados em cada mídia. Esse recurso utilizado pelo chargista em colocar elemento textual para auxiliar na compreensão do visual é para aumentar o teor crítico e humorístico em cada desenho.

Há charge composta por um único quadro e outras com mais de um. Na charge de

quadro único, o assunto é direto e não há uma preparação para o humor e a crítica. O chargista retrata apenas um momento do assunto em questão. Já na charge em que existe mais de um quadro, o primeiro funciona como preparadores para o efeito humorístico que é colocado no último. Conclui-se que a charge em que existe apenas um desenho pode ter mais informações, ou seja, o lado crítico e irônico é maior que o humorístico.

O discurso chárgico encontrado na charge é feito através da interpretação que o chargista faz da realidade, ou seja, dos fatos publicados nos veículos de comunicação. Vários escândalos foram divulgados nos jornais no período analisado. Nessa perspectiva, imaginei que a charge faria uma crítica mais contundente, isto é, o texto verbal e visual seria mais irônico, crítico e opinativo do que humorístico. O poder do discurso na charge é além do texto que deu origem ao desenho, pois irá acrescentar a informação e opinar. De acordo com Brandão (1997), os textos são reduzidos, mas o discurso contido neles não se preocupa com as formas de intuição do sentido, mas com os elementos pictóricos que se constituem e dão significado à informação.

A charge publicada diariamente no jornal *Hoje em Dia* é carregada de polifonia, pois segundo Romualdo (2000), a charge é um texto polifônico. O uso de várias vozes para dar sentido ao intertexto é um recurso utilizado pelo chargista nos elementos visuais e textuais. O sentido do texto visual e verbal é claro e objetivo na charge, pois existem relações com outros textos. Para se produzir a charge com um texto opinativo, crítico, irônico e com humor é necessária a existência de outros textos. Com isso, concluo que toda vez que o chargista utilizar outros textos na criação do elemento pictórico, digo que é um caso de polifonia.

O gênero opinativo na charge não pretende emitir juízo de valor por parte do chargista, mas criticar os acontecimentos no cenário político. Essa opinião, na maioria das vezes, é com características ideológica, cultural e de classe social. A divulgação desse gênero é também encontrada no editorial, nos artigos, na crônica, na foto e nas manchetes. Na charge, a opinião do chargista é clara, mas muito sutil. O que predomina é a ironia e o humor. Para

Erbolato (1991), existem profissionais que evitam o uso da interpretação, pois podem passar para os leitores opiniões disfarçadas em forma de uma análise e de interpretação pessoal. O desenho deve conter sempre uma opinião, mas esta deve ser de interesse público, pois existe a possibilidade da reapropriação do elemento textual por outras pessoas.

A informação encontrada na charge é resumida e de fácil leitura, mas sei que o leitor só conseguirá captar a mensagem se a mesma abordar assuntos atuais. A charge sempre está retratando acontecimentos no cenário político, portanto a informação, a crítica, a ironia e a opinião presentes nela são passageiras, isto é, passados alguns meses será necessário retomar a leitura de textos da época de sua publicação. Esse fenômeno é mais presente na esfera política, pois se a charge abordar um assunto de cunho social como a fome por exemplo, a sua interpretação se dará em qualquer período, pois é um acontecimento que está sempre presente nas mídias.

Concluo que as charges analisadas trabalham de maneira harmoniosa o período exposto. Percebi que o chargista retratou o cenário eleitoral sem ser partidário, ou seja, em seus traços ficou claro que o chargista não tentava prejudicar através da ironia, da crítica, da opinião e do humor um determinado personagem. As críticas sobre o mensalão, superfaturamento das ambulâncias foram feitas de acordo com as matérias que foram divulgadas na mídia. As charges publicadas abordavam na maioria das vezes a eleição presidencial, ou seja, era mostrada a corrida pelo cargo de presidente do Brasil, com ênfase às ações que os candidatos Lula e Alckimin estavam fazendo para reverter o quadro desfavorável a cada um deles.

Encontrei charge que emitia a opinião do chargista, mas de forma sutil, principalmente aquelas que ironizavam os aliados do governo acusados de corrupção. A charge não divulgava os personagens envolvidos nos escândalos, mas o presidente era o melhor personagem de publicação. O medo que Lula teria sobre o desvio de dinheiro público era mostrado nos traços do chargista.

A ética do chargista foi além das matérias veiculadas, pois em nenhum momento o

lado pessoal, do criador, influenciou o dia-a-dia de Lute. Nesse contexto, notei que a cada matéria de desvio de dinheiro público, a população brasileira ficava mais revoltada. Os jornais fazem o papel de informar os acontecimentos e o chargista filtra o que é de interessante para ironizar, opinar e criticar com muito humor, através da charge.

A corrupção na esfera política fez com que o chargista opinasse sobre a revolta da população brasileira. O espaço reservado diariamente no jornal *Hoje em Dia* não foi utilizado para o ataque aos envolvidos em cada fato exposto nos jornais e sim em divulgar a disputa entre Lula e Alckmin. A intertextualidade em cada charge é importante para contextualizar o leitor e tornar a informação precisa e de fácil compreensão. A reapropriação dos diversos textos publicados aumentava a ironia em cada elemento pictórico visual e verbal feito pelo chargista.

A charge, por ser um gênero opinativo jornalístico, merece mais atenção por parte de pesquisadores, estudiosos e instituições acadêmicas, pois a falta de material de estudo é o maior problema na atualidade desse objeto riquíssimo em informações.

Tudo em nossa vida é conquistado com muita dificuldade, e pesquisar as charges não poderia ser diferente. Em nossa busca por informações, percebi, claramente, que são poucos os livros que abordam o assunto, ou seja, quase não existe material teórico disponível nas bibliotecas das universidades belohorizontinas. Alguns autores falam desse gênero opinativo encontrado nas páginas dos jornais de forma ampla, isto é, dizem que ela, através do humor, irá informar e ironizar certos acontecimentos, mas explicar o surgimento delas e para que foram inseridas nos jornais são poucos estudiosos que se dispuseram a fazer.

Nesse universo jornalístico, notei que a minha pesquisa irá ajudar a aumentar, de alguma maneira, a importância de se estudar as charges e o porquê de ter em nossos jornais esse desenho que mexe com o imaginário dos leitores. Por se tratar de um objeto que retrata acontecimentos contemporâneos, a sua interpretação, após alguns anos, não será tão fácil mais. Para os estudiosos será preciso retomar a leitura de alguns textos que foram publicados nos

veículos de comunicação, pois as charges são desenhos efêmeros e sua compreensão se dá sobre os assuntos atuais.

Em função desta monografia, recebi um convite do chargista Lute para participar de um grupo de estudo sobre charge, isto é, serão pesquisados os primeiros desenhos em Minas Gerais. A finalidade deste estudo será produzir um livro sobre as charges mineiras e mostrar como este objeto evoluiu com o passar dos anos. Diante desta chance de colocar em um livro tudo que descobriremos sobre este elemento pictórico, darei seqüência às minhas pesquisas com o intuito de fazer mestrado e quem sabe aumentar, também, as informações sobre charge e política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA. Alckmin pede cassação de sanguessugas. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 06 ago. 2006. Disponível em: <<http://www.hojeemdia.com.br . htm>> Acesso em: 25. março 2007.

ANDRAUS, Gazy. *Charges.com.br: Literatura imagética das notícias via internet*. In: Núcleo de Pesquisa História em Quadrinhos, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 e 06. setembro. 2003. Dissertação de Doutorado em Ciência da Informação e Documentação pela ECA-USP. São Paulo, 2003.

Disponível: <http://repositorio.usp.br/bistream/1904/19043/1/2002>> Acesso em 02.setembro.2007

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BELMONTE. *Caricaturas dos Tempos: As mais interessantes “charges” de Belmonte sobre os acontecimentos internacionais de 1936 a 1946, principalmente sobre os motivos da última guerra mundial*. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

BELTRÃO, Luiz. *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*. In: BELTRÃO, Luiz. *A Ilustração e a Caricatura*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Opinativo: A ilustração satírica: a charge*. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo. Editora Ática, 1991.

FILHO, Paulo. Alckmin faz duros ataques a Lula em BH *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 04 ago. 2006. Disponível em: <<http://www.hojeemdia.com.br . htm>> Acesso em: 25. março 2007.

FRANÇA, Vera Veiga. *Jornalismo e vida social: A história amena de um jornal mineiro*. Ed. Belo Horizonte. UFMG. 1998. Cap I, p 25 a 59.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 3 ed. rev. E ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LIMA, Venício A de. *Mídia: Crise política e poder no Brasil*. in: Revisitando as sete teses sobre mídia e política no Brasil. ed. São Paulo- Fundação Perseu Abramo. 2006. cap. 2, p.51-63.

MACHADO, Arlindo. *O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges*. in: O quarto iconoclasmo. ed. Rio de Janeiro- Rios Ambiciosos, 2001. cap.1, p.6- 33.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: vozes, 1985.

PANOFSKY, Erwin. *O significado nas artes visuais*. Lisboa. Editora Presença, 1989.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

REBELO, José. *O discurso do jornal*. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Política; quem manda, por que manda, como manda*. Rio de Janeiro. Nova fronteira, 1986.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

RUBIM, Albino. *Comunicação e política*. São Paulo: Hacker, 2000.

THOMPSON, John Brookshir. *A mídia e a modernidade: uma teoria social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

WEFFORT, Francisco Correa. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.